

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DE PORTO
ALEGRE**

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA E SAÚDE



Porto Alegre

2023

Marina Camargo Barth

**Há algo de diferente nesse amor?
Investigando as relações amorosas
de pessoas com deficiência física,
sensorial e múltipla**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia e Saúde da Fundação Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre como requisito para a obtenção do grau de Mestre.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Daniela Centenaro Levandowski

Porto Alegre

2023

Catálogo na Publicação

Camargo Barth, Marina

Há algo de diferente nesse amor? Investigando as relações amorosas de pessoas com deficiência física e múltipla / Marina Camargo Barth. -- 2023.
106 p. : 30 cm.

Dissertação (mestrado) -- Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, Programa de Pós-Graduação em Psicologia e Saúde, 2023.

Orientador(a): Daniela Centenaro Levandowski.

1. Relações amorosas. 2. Pessoas com deficiência. I. Título.

Sistema de Geração de Ficha Catalográfica da UFCSPA com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Há algo de diferente nesse amor?

Investigando as relações amorosas de pessoas com deficiência física, sensorial e múltipla

BANCA AVALIADORA

Profa. Dr^a. Luciana Suárez Grzybowski

Departamento de Psicologia

Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre

Profa. Dr^a Ana Cláudia Bortolozzi

Departamento de Psicologia

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

Profa. Dr^a Fátima Elisabeth Denari

Departamento de Psicologia

Universidade Federal de São Carlos

Porto Alegre

2023

*A todas as pessoas que participaram desta
pesquisa, tornando-a possível.*

Aos meus pais, por serem meus guias e âncoras.

AGRADECIMENTOS

Agradeço o amor e o apoio incondicional dos meus pais, Afonso e Joíza, por me inspirarem a ser a melhor que eu posso ser. São meus exemplos de pesquisadores, professores e também de seres humanos extraordinários.

Agradeço o incentivo e torcida da minha irmã Júlia e demais familiares, que estão sempre ao meu lado.

Agradeço a paciência, sensibilidade e amparo do meu noivo Henry, sempre disposto a me animar e encorajar.

Agradeço a acolhida da minha terapeuta Carolina por, há tantos anos, fazer parte da minha jornada de autoconhecimento pessoal e emocional, contribuindo para muitas reflexões e aprendizados sobre mim mesma e sobre as minhas capacidades.

Agradeço as orientações, suporte e carinho da minha orientadora Daniela ao longo de todos esses anos cheios de afeto e trocas bonitas.

Agradeço a dedicação e auxílio de todas as integrantes do Núcleo de Estudos em Desenvolvimento e Saúde (NEEDS) da UFCSPA, principalmente o empenho das alunas de Iniciação Científica, Leiza, Gabriela e Eduarda, por se envolverem com afinco ao trabalho e me ajudarem em diferentes etapas dessa pesquisa.

Agradeço os ensinamentos e aprendizados que recebi de todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia e Saúde da UFCSPA, por enriquecerem, ainda mais a minha vivência de mestrado.

Agradeço a parceria e apoio mútuo de todos os meus colegas de mestrado, pelas trocas afetuosas e partilha de angústias durante esses dois anos.

Agradeço a paciência e dedicação do trabalho incansável do Núcleo de Apoio à Pesquisa e Pós Graduação da UFCSPA, através da estatística Cristiane, que não mediu esforços para sanar todas as minhas dúvidas estatísticas e contribuir com as análises quantitativas desse estudo.

Agradeço a contribuição e o trabalho da intérprete de LIBRAS da UFCSPA, Vanize, por possibilitar mais acessibilidade ao questionário *online* dessa pesquisa.

Agradeço a abertura de todas as instituições e pessoas que compartilharam a minha pesquisa pela disponibilidade para a divulgação do meu trabalho, possibilitando que chegasse a muitos possíveis participantes.

Agradeço a atenção e o tempo dedicados ao meu trabalho pelas professoras avaliadoras da minha banca de qualificação do mestrado, Luciana, Fátima e Ana Cláudia, por todos os comentários valiosos e colaborações para o aprimoramento da minha pesquisa.

Agradeço a participação de todas as pessoas que se voluntariaram para responder ao questionário da minha pesquisa, possibilitando a execução da mesma e contribuindo para a ciência brasileira.

Agradeço a compreensão e a amizade dos meus colegas de trabalho do Clube Social Pertence por darem sentido à minha atuação na Psicologia e por me encorajarem e vibrarem junto comigo a cada conquista individual e coletiva.

Agradeço a minha persistência, esforço e resiliência por me permitirem ingressar, estudar e fazer pesquisa (na graduação e na pós-graduação) em uma das melhores universidades públicas do país, de muitíssima qualidade, ao mesmo tempo em que concilio essa trajetória com o meu trabalho enquanto psicóloga. É com certeza um privilégio do qual me orgulho e que pretendo honrar a partir da apresentação e divulgação dos resultados dessa Dissertação.

A única razão para o amor é o amor.

(Antoine de Saint-Exupéry, O Pequeno Príncipe)

RESUMO

O conceito de deficiência é complexo e tem sido compreendido a partir de perspectivas distintas. O Modelo Social da Deficiência destaca os aspectos sociais que envolvem essa vivência, incluindo o preconceito em diferentes esferas da vida de pessoas com deficiência (PCD), principalmente a amorosa. O amor é um fenômeno subjetivo e individual, embora as relações amorosas sejam atravessadas por características do contexto social, histórico e cultural. A Teoria Triangular do Amor de Sternberg postula diferentes elementos do amor, além de possibilitar a sua mensuração. O desenvolvimento desses elementos pode ser influenciado pela forma como a pessoa avalia subjetivamente o relacionamento, ou seja, pela satisfação amorosa. Neste trabalho buscou-se investigar os elementos do amor e a satisfação com o relacionamento amoroso de PCD física ou sensorial de diferentes regiões do Brasil, bem como averiguar diferenças em relação a essas variáveis entre pessoas com diferentes tipos de deficiência (física, sensorial ou múltipla) e características sociodemográficas. Neste estudo quantitativo, transversal e correlacional participaram 135 PCD maiores de 18 anos que mantinham um relacionamento amoroso. Foram aplicados um questionário de dados sociodemográficos contendo o índice do Impacto da Deficiência, a versão brasileira da Escala Triangular do Amor de Sternberg (ETAS) e a versão brasileira e revisada da Escala do Nível de Satisfação com o Relacionamento Amoroso (ENSRA-R). Análises estatísticas descritivas e correlacionais foram realizadas para caracterizar a amostra e verificar associações entre dados sociodemográficos, elementos do amor e satisfação amorosa, bem como realizar comparações entre grupos conforme o tipo de deficiência. Os resultados mostraram a ausência de diferença nos escores dos componentes do amor para PCD de diferentes tipos. Ou seja, independentemente do tipo de deficiência, os elementos da Teoria Triangular do Amor de Sternberg encontram-se presentes nas relações amorosas em escores elevados, indicando uma boa vivência dos mesmos. A amostra também apresentou níveis elevados de satisfação com o relacionamento amoroso e PCD múltipla mostraram-se mais satisfeitas com as suas relações amorosas em comparação aos demais grupos, contrariando a literatura. Além disso, os homens apresentaram maior satisfação com a relação amorosa, assim como participantes com menor escolaridade, corroborando achados da literatura entre pessoas sem deficiência. Por fim, a vivência amorosa e a satisfação com a relação de PCD física e sensorial não se mostraram associadas à orientação sexual, duração do relacionamento, quantidade de filhos e idade de início da vida sexual, mostrando independência do desenvolvimento amoroso frente a esses marcadores sociais. Sendo assim, conclui-se que as PCD investigadas nesse estudo apresentaram um panorama positivo em relação ao amor e à satisfação com a relação amorosa estabelecida, contrariando as representações sociais sobre essas vivências. Salienta-se a importância de estudos com esse público para ampliar a reflexão sobre o tema do amor entre PCD, devido à importância em suas vidas, e auxiliar na redução das barreiras atitudinais e estigmas que ainda o cercam.

Palavras-chave: deficiência; amor; relações amorosas; satisfação conjugal.

ABSTRACT

The concept of disability is complex and has been understood from different perspectives. The Social Model of Disability highlights the social aspects surrounding this experience, including prejudice in different spheres of the lives of people with disabilities (PWD), especially romantic relationships. Love is a subjective and individual phenomenon, although loving relationships are crossed by characteristics of the social, historical and cultural context. The Sternberg's Triangular Theory of Love postulates different elements of love, in addition to enabling its assessment. The development of these elements can be influenced by the way the person subjectively evaluates the romantic relationship, i.e., love satisfaction. The aim of this study was to investigate the elements of love and satisfaction with the romantic relationship of people with physical or sensory disabilities from different regions of Brazil, as well as to ascertain differences in these variables between people with different types of disabilities (physical, sensory or multiple) and sociodemographic characteristics. This quantitative, cross-sectional and correlational study involved 135 PWD over the age of 18 who were engaged in a romantic relationship. A sociodemographic data questionnaire containing the Disability Impact Index, the Brazilian version of the Sternberg Triangular Love Scale (ETAS) and the revised Brazilian version of the Love Relationship Satisfaction Level Scale (ENSRA-R) were applied. Descriptive and correlational statistical analyses were carried out to characterize the sample and verify associations between sociodemographic data, elements of love and love satisfaction, as well as making comparisons between groups according to the type of disability. The results showed the absence of differences in the love component scores for PWD of different types. In other words, regardless of the type of disability, the elements of Sternberg's Triangular Theory of Love are present in their romantic relationships in high scores, indicating a good experience of them. The sample also showed high levels of satisfaction with their romantic relationships and multiple disabled people were more satisfied with their romantic relationships compared to the other groups, contrary to the literature. In addition, men showed greater satisfaction, as did participants with less schooling, corroborating findings among non-disabled people. Furthermore, the love experience and relationship satisfaction of physically and sensorially disabled people were not associated with sexual orientation, length of relationship, number of children, and age at first sexual intercourse, showing the independence of love development from these social markers. Therefore, it can be concluded that the PWD investigated in this study had a positive outlook in relation to love and satisfaction with the romantic relationship established, contrary to social representations about these experiences. The importance of studies with this audience is highlighted to broaden the reflection on the subject of love among PWD, due to its importance in their lives, and to help reduce the attitudinal barriers and stigmas that still surround it.

Key words: disability; love; love relationship; love satisfaction.

LISTA DE FIGURAS

NA REVISÃO DE LITERATURA

Figura 1 – Triângulo do amor de Sternberg31

NO ARTIGO

Figura 1 – Gráfico whisker-plot do Impacto da Deficiência (IDEF) em relação ao tipo de deficiência53

Figura 2 – Gráfico whisker-plot dos componentes ETAS em relação ao tipo de deficiência55

Figura 3 – Gráfico whisker-plot da ENSRA-R em relação ao tipo de deficiência55

Figura 4 – Gráfico de comparação da ETAS com a ENSRA-R56

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Dados sócio-demográficos dos participantes do estudo, conforme o tipo de deficiência	50
Tabela 2 - Características da vida amorosa dos participantes, conforme o tipo de deficiência	51
Tabela 3 - Resultados dos participantes referentes aos elementos do amor e à satisfação com o relacionamento amoroso conforme o tipo de deficiência	54
Tabela 4 - Resultados das correlações entre os escores de satisfação com o relacionamento amoroso e dos elementos do amor conforme o nível de escolaridade dos participantes	58
Tabela 5 - Resultados das correlações entre os escores de satisfação com o relacionamento amoroso e dos elementos do amor conforme o gênero dos participantes	59

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASCOM	Assessoria Especial de Comunicação
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CIF	Classificação Internacional de Funcionalidade
ETAS	Escala Triangular do Amor de Sternberg
ENSRA-R	Escala do Nível de Satisfação com o Relacionamento Amoroso - Versão revisada)
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEF	Impacto da Deficiência
LBI	Lei Brasileira de Inclusão
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
NUPESQ	Núcleo de Apoio à Pesquisa
NEEDS	Núcleo de Estudos em Desenvolvimento e Saúde
PCD	Pessoa com Deficiência
PNAD	Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios Contínua
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFCSPA	Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul

LISTA DE SÍMBOLOS

@

Arroba

—

Underline

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	17
2	REVISÃO DE LITERATURA – CONTEXTUALIZAÇÃO	23
2.1	A DEFICIÊNCIA E AS TRANSFORMAÇÕES NA SUA COMPREENSÃO AO LONGO DO TEMPO	23
2.2	O AMOR: ENTENDIMENTO SOB DIFERENTES PERSPECTIVAS	25
2.3	A SATISFAÇÃO AMOROSA E A SUA IMPORTÂNCIA PARA A RELAÇÃO CONJUGAL	32
3	OBJETIVOS E HIPÓTESES DO ESTUDO	34
3.1	OBJETIVO GERAL	34
3.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	34
	REFERÊNCIAS DA REVISÃO DE LITERATURA	35
4	ARTIGO EMPÍRICO (suprimido para publicação)	39
5	CONCLUSÕES GERAIS DA DISSERTAÇÃO	76
	APÊNDICES	80
	APÊNDICE A - Questionário de Dados Sociodemográficos.....	81
	APÊNDICE B - Convite Impresso para Divulgação da Pesquisa.....	85
	APÊNDICE C - Convite <i>Online</i> para Divulgação da Pesquisa.....	86
	APÊNDICE D - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	87
	APÊNDICE E - Cartilha Informativa Enviada para os Participantes	89
	ANEXOS	90
	ANEXO A - Escala Triangular do Amor de Sternberg	91
	ANEXO B - Escala do Nível de Satisfação com o Relacionamento Amoroso	96

ANEXO C - Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa da UFCSPA
.....99

1 INTRODUÇÃO

A presente Dissertação de Mestrado foi desenvolvida pela autora junto ao Núcleo de Estudos em Desenvolvimento e Saúde (NEEDS) da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), sob orientação da Prof^a Dr^a Daniela Centenaro Levandowski. Atualmente, o NEEDS se dedica a pesquisas sobre o desenvolvimento infantil inicial, maternidade e saúde mental materna, situações de luto parental e relações amorosas. A inserção da autora ao NEEDS ocorreu ainda no período de graduação em Psicologia na mesma universidade, tendo integrado o grupo de pesquisa como aluna de iniciação científica voluntária durante quatro anos. Durante esse tempo, manteve contato e auxiliou em diferentes estudos desenvolvidos pelas pesquisadoras do Núcleo. Ao final do curso de graduação em Psicologia, a mestranda realizou o seu Trabalho de Conclusão de Curso no NEEDS, com foco no apoio social para casais que haviam vivenciado perda gestacional.

Além da sua longa inserção em pesquisa no NEEDS, já com foco no tema da relação conjugal/amorosa, a autora também buscou experiências acadêmicas práticas, se inserindo no Clube Social Pertence como estagiária extracurricular em Psicologia no ano de 2016. A instituição desenvolve o seu trabalho proporcionando inclusão e socialização para pessoas com deficiência (PCD), principalmente intelectual, através de projetos na área da cultura, esporte, gastronomia, entre outros. O vínculo com a instituição se estende até os dias atuais, agora, já formada, enquanto Gestora Institucional Educacional, liderando a equipe de Psicologia e desenvolvendo trabalhos em prol da saúde mental desse público. Assim, o interesse pela temática do presente estudo é oriundo tanto da trajetória no NEEDS quanto dessa atuação da autora enquanto psicóloga na área da inclusão e do contato com o público de PCD.

A partir dessas vivências, o Mestrado mostrou-se uma ótima oportunidade para a autora conciliar esses interesses. Poder contribuir com a ciência através de pesquisa com PCD concretiza um desejo antigo e a realização de um sonho. Especificamente em se tratando da coleta de dados, foi possível encarar os desafios da realização de uma pesquisa científica com coleta em grande escala. O período de coleta de dados estava previsto, inicialmente, para ocorrer entre janeiro e maio de 2023, mas devido à demora em encontrar possíveis participantes, foi estendido até o final de junho de 2023. Diversas estratégias precisaram ser adotadas para atingir esse público.

Imaginou-se que o processo de coleta de dados se daria de forma mais orgânica e que as respostas chegariam mais rapidamente a partir da divulgação inicial em massa nas redes sociais. Entretanto, como isso não ocorreu, esse período inicial de coleta se tornou frustrante para a equipe de pesquisa. A partir desse cenário,

percebeu-se que seria necessário um contato mais próximo a possíveis participantes e que a busca pelos mesmos teria que se dar de forma mais ativa, por meio de convite direto para a participação. Nesse processo, foi possível entrar em contato com centenas de pessoas nas redes sociais (*Instagram*, *WhatsApp* e *Facebook*), através da procura de grupos de PCD nesses contextos e também por buscas com palavras-chaves como: “inclusão”, “acessibilidade”, “pcd”, além dos emojis tradicionalmente conhecidos e característicos dessa população. Através dessas buscas, foi possível divulgar a pesquisa nas seguintes páginas de *Instagram* para PCD:

- @pcdvale (ONG voltada para o protagonismo PCD LGBT no Brasil);
- @caminhadores (ONG voltada para a prática de esporte por PCD);
- @avozdopcd (programa para dar voz às PCD);
- @somoscorreto (clínica especializada em próteses e órteses para PCD); e @pcdvoce (canal de informação para PCD), sendo que com um dos criadores desse último perfil foi possível realizar uma live para divulgar a pesquisa e o trabalho da autora.

Além dessas páginas, os perfis no *Instagram* @jackie_manza e @janabernardino_ de PCD compartilharam publicamente o *link* de acesso ao formulário da pesquisa. Para além dessas páginas, também foi possível divulgar o estudo junto à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que compartilhou a pesquisa nas redes sociais da Comissão de Graduação de Psicologia e também junto ao Incluir, núcleo de inclusão e acessibilidade dessa instituição.

Ademais, a pesquisadora também conseguiu autorização, através de uma página no *Instagram*, para ingressar na Frente Nacional das Mulheres com Deficiência através de um grupo no *WhatsApp*, sendo esse um canal de trocas entre mulheres, de todo o Brasil, interessadas na temática. Esse grupo foi uma grande oportunidade de contato, pois havia em torno de 200 pessoas participando, ainda que nem todas fossem mulheres com deficiência, já que também estavam no grupo mães de crianças com deficiência e profissionais da área da inclusão e acessibilidade. Além disso, das mulheres com deficiência presente no grupo, nem todas estavam em um relacionamento amoroso atual, critério de inclusão do estudo. De todo modo, a pesquisadora obteve autorização e entrou em contato com cada uma das integrantes desse grupo para convite à participação. A partir dessa nova estratégia foi possível também uma maior aproximação com a comunidade PCD que, em sua grande maioria, se mostrou bastante aberta em relação ao tema da pesquisa. Observou-se que boa parte das pessoas que respondiam à mensagem com o convite para participação o faziam de forma amigável e interessada no assunto, inclusive agradecendo a pesquisadora pela oportunidade em participar de uma pesquisa

científica sobre um tema relevante para elas. Algumas dessas pessoas também indicavam conhecidos que se encaixavam no perfil e que pudessem se interessar em responder, multiplicando o alcance da pesquisa. Isso foi possível pois a comunidade PCD tem se fortalecido cada vez mais, aumentando a rede de contatos de PCD.

Em contrapartida, algumas pessoas se mostraram interessadas na temática, mas não puderam participar por não cumprir um dos critérios de inclusão do estudo, no caso, por não estarem envolvidas em um relacionamento amoroso no momento da coleta de dados. Essa impossibilidade gerou certa frustração e incômodo por parte de uma minoria dessas pessoas, que questionaram o motivo pelo qual não poderiam participar, mesmo já tendo estabelecido relacionamentos amorosos anteriormente. Outro argumento que foi exposto para a pesquisadora para a não participação foi o fato de que relacionamentos amorosos ainda são um tabu para PCD, não fazendo algumas delas se sentirem à vontade para responderem sobre o assunto. Destaca-se ainda o número de PCD contatadas que relataram nunca terem estado em um relacionamento amoroso em suas vidas (aproximadamente 15 pessoas). Alguns interessados relataram ainda a complexidade de relacionar-se amorosamente, defendendo a importância e urgência de pesquisas sobre outros temas, tais como auto-estima, empoderamento e autoconfiança das PCD. Foram sugeridas pesquisas gerais sobre o tema do amor para essas pessoas e não especificamente referentes a um relacionamento amoroso atual.

Paralelamente a essa divulgação direta com PCD nas redes sociais, também foram feitos contatos sistemáticos com profissionais que atendem ao público, como educadores e psicólogos. Ademais, instituições que atendem exclusivamente esse público também foram acionadas, tendo sido solicitada a divulgação da pesquisa junto aos seus atendidos. Essa divulgação se deu tanto de forma presencial nos locais como de forma virtual, através de outros canais de comunicação, como e-mail e *WhatsApp*. Através de um extenso levantamento nacional de instituições, foi possível divulgar a pesquisa junto às seguintes instituições:

- Associação dos Deficientes Físicos de Canoas;
- Associação Legato - Centro Inclusivo de Artes;
- Associação Desportiva para Deficientes;
- Associação Catarinense de Integração ao Cego;
- Associação de Deficientes Visuais de Itajaí e Região;
- Associação de Deficientes Físicos de Joinville;
- Instituto Paranaense de Cegos;
- Associação dos Deficientes Físicos do Paraná;
- Centro de Apoio ao Deficiente Visual;

- Associação dos Deficientes Visuais do Estado do Rio de Janeiro;
- Associação dos Deficientes Físicos de Charqueadas;
- Secretaria Municipal da Pessoa Com Deficiência do Rio de Janeiro;
- Associação de Deficientes Físicos de Alagoas;
- Centro de Surdos de Aracaju;
- Associação dos Deficientes Visuais de Sergipe;
- Associação Baiana de Cegos;
- Instituto de Cegos da Bahia;
- Associação de Surdos de Goiânia;
- Fundação das APAES do Estado de Minas Gerais;
- Associação dos Cegos de Juiz de Fora;
- Associação dos Surdos de Minas Gerais; e
- Sociedade dos Surdos do Rio Grande do Sul.

Além disso, obteve-se autorização para divulgar a pesquisa de forma presencial com os atendidos da Associação de Cegos Louis Braille em Porto Alegre e na Associação dos Deficientes Visuais em Canoas, momento em que foi possível a coleta simultânea com dezenas de participantes atendidos nesses locais.

Com esses relatos, verifica-se como o período de coleta de dados, ainda que extenso, foi riquíssimo, não só para localizar potenciais participantes, mas principalmente para conhecer pessoas envolvidas com a área ou mesmo PCD. Esse tempo permitiu que a pesquisadora entrasse em contato com diferentes histórias de vida.

A partir do exposto, foi possível verificar como o campo da deficiência é permeado por complexidades, estando o próprio conceito de deficiência em constante transformação ao longo dos anos, sendo compreendido a partir de perspectivas distintas (Sampaio & Ferreira, 2019). No presente trabalho, optou-se por adotar a definição presente na Constituição brasileira, que adota o termo Pessoa Com Deficiência (PCD) na Lei Brasileira de Inclusão para se referir àquelas pessoas que possuem alguma característica de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, “em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas” (Lei nº 13.146/2015; Brasil, 2015).

Assim como o conceito de deficiência é dinâmico e está em constante evolução e transformação, o mesmo pode-se afirmar sobre as concepções sobre o amor. Embora o amor seja considerado algo subjetivo e individual, que se apresenta de maneiras diferentes para cada indivíduo e em cada relacionamento afetivo, as

relações amorosas são atravessadas pelo contexto social, histórico e cultural em que os indivíduos estão inseridos, o que gera demandas individuais em relação aos modos de viver estas relações (Cerqueira & Rocha, 2018). Assim, no presente estudo optou-se por adotar a Teoria Triangular do Amor (Sternberg, 1986) como perspectiva de compreensão desse fenômeno, já que a mesma postula diferentes aspectos do amor, além de oferecer a possibilidade de mensurá-los através de um instrumento psicométrico. Essa teoria também vem sendo amplamente utilizada em estudos nacionais e internacionais sobre o tema (como por exemplo: Freitas, 2020; Hernandez & Baylão, 2020; Hernandez, Costa, Ribeiro, Areias, & Santos, 2015; Silva, 2015; Karwowski-Marques, 2008), embora não tenham sido encontrados estudos embasados nessa perspectiva entre PCD.

Por se entender que um dos aspectos que pode influenciar no desenvolvimento dos elementos do amor é a satisfação da pessoa com a sua relação amorosa, ou seja, o quão satisfeita ela está com o seu relacionamento, esse aspecto também foi avaliado no presente estudo. Sabe-se que um maior nível de satisfação pode contribuir para a continuidade do relacionamento, fortalecendo o compromisso. Além disso, a maior satisfação com a relação amorosa também pode repercutir na vida sexual, reforçando a paixão e o desenvolvimento da intimidade, da saúde e do bem-estar do casal (Londero-Santos et al., 2018).

De maneira geral, além da carência de estudos sobre o tema do amor entre PCD, existe uma lacuna de pesquisas sobre este tema com pessoas com diferentes tipos de deficiência. Por conta disso, esse aspecto também foi contemplado no presente estudo, a fim de entender possíveis peculiaridades das experiências amorosas dessas pessoas, ampliando a compreensão desse campo plural. Entende-se que PCD possuem múltiplas vivências, a depender também do tipo da sua deficiência. Assim, o presente trabalho pretendeu dar voz a pessoas que possuem diferentes tipos de deficiência física e/ou sensorial, buscando investigar quantitativamente os componentes do amor e a satisfação com o relacionamento amoroso, bem como identificar possíveis diferenças nestas variáveis conforme o tipo de deficiência (física ou sensorial).

Entende-se que um estudo com essas características pode contribuir para a desconstrução de estigmas e mitos referentes às PCD, que são comumente marginalizadas socialmente e que acabam por serem excluídas em diferentes âmbitos, inclusive no meio acadêmico e científico. Também poderá contribuir para o aprimoramento de políticas públicas para esse segmento da população, tanto em termos de saúde sexual e reprodutiva quanto de saúde mental em geral, já que as relações amorosas têm um impacto importante para o bem-estar e a qualidade de vida

das pessoas (Ignagni, Schormans, Liddiard, & Runswick-Cole, 2016; Mattila, Maataa, & Uusiautti, 2017; Schnellert, Tidey, & Hole, 2021; Wälivaara & Ljuslinder, 2020).

A seguir apresenta-se uma fundamentação teórica sobre as variáveis de interesse do estudo (deficiência, amor e satisfação com o relacionamento amoroso) e, na sequência, os objetivos da Dissertação, um artigo empírico desenvolvido a partir da pesquisa realizada, e as conclusões gerais da Dissertação. O artigo elaborado a partir da coleta de dados intitula-se “Amor e satisfação com o relacionamento entre adultos com deficiência física ou sensorial” e teve como objetivo investigar os elementos do amor e a satisfação com o relacionamento amoroso de PCD física ou sensorial de diferentes regiões do Brasil. Ademais, buscou-se averiguar diferenças em relação aos elementos do amor e à satisfação com o relacionamento amoroso entre pessoas com diferentes tipos de deficiência (física ou sensorial) e diferentes características sociodemográficas, tais como etnia, religião, gênero, orientação sexual, escolaridade e presença de filhos.

2 REVISÃO DE LITERATURA – CONTEXTUALIZAÇÃO

A deficiência e as transformações na sua compreensão ao longo do tempo

Para uma compreensão do conceito da deficiência, é importante traçar um breve panorama histórico pelo qual esse fenômeno vem sendo entendido, visto que o mesmo é analisado sob a ótica de diferentes teorias e vindo sendo modificado ao longo do tempo a partir dessas diferentes perspectivas teóricas. Assim, traçando uma breve cronologia histórica, inicialmente tem-se o *Modelo Místico* da deficiência, que estava pautado no fato de que o ser humano, ao longo do desenvolvimento do pensamento ocidental, buscou na religião e na espiritualidade aspectos para justificar determinadas diferenças corporais. Nessa perspectiva, a deficiência era entendida como um “castigo divino”, e as pessoas com deficiência (PCD) eram vistas como vítimas devido às suas “incapacidades”. Esse paradigma prevaleceu por muito tempo na história da humanidade, quando ainda não haviam avanços significativos no campo da Medicina para justificar certas condições humanas (Sampaio & Ferreira, 2019).

Com o progresso das ciências médicas, emergiu o *Modelo Médico* da deficiência. Neste campo, essa condição humana passou a ser entendida como uma patologia, isto é, uma consequência natural de uma lesão corporal. A partir disso, o foco maior recaiu no aspecto individual da deficiência, vista como uma questão particular de determinada pessoa, que deveria buscar recursos para “normalizar” a sua condição perante as exigências da sociedade. Assim, pode-se dizer que, sob a ótica desse modelo, a deficiência está na pessoa como reflexo de uma doença ou distúrbio. Constata-se também, no entendimento deste modelo, o caráter negativo da deficiência, pois ela se relaciona com a ideia de incapacidade e consequente desvantagem do indivíduo perante as demais pessoas (Sampaio & Ferreira, 2019).

Foi só a partir da década de 1960 que os estudos sobre deficiência começaram a migrar para outras áreas além da saúde e da medicina. O sociólogo inglês e pessoa com deficiência Paul Hunt formou a primeira organização política com PCD, articulando uma resistência política e intelectual ao Modelo Médico, que se intitulou *The Union of the Physically Impaired Against Segregation* (UPIAS), em tradução livre: A União de Deficientes Físicos Contra Segregação. Originalmente, a UPIAS propôs algumas definições que explicitavam o efeito da exclusão social na produção da deficiência. O grande propósito deste movimento era questionar a leitura individual da deficiência, atribuindo-a a questões sociais. Importante salientar que esse paradigma não nega a existência de uma lesão corporal nessas pessoas, tampouco define a deficiência como sendo “apenas” uma lesão. A maior diferença de perspectiva desse paradigma para os anteriores é que o mesmo defende que a condição da deficiência

seria algo imposto socialmente às pessoas com algum tipo de lesão, atribuindo a elas a ideia de incapacidade e inferioridade, o que acarreta uma forma de segregação e exclusão social (Sampaio & Ferreira, 2019). Assim, pode-se reconhecer a complexidade do conceito da deficiência, que, nas palavras de Diniz (2007, p. 09), “reconhece o corpo com lesão, mas também denuncia a estrutura social que oprime essas pessoas”.

A partir desses movimentos sociais surgiu então, no Reino Unido, o *Modelo Social* da deficiência, que diferencia a *lesão* da *deficiência*. Essa perspectiva é a primeira oriunda de outra área de pensamento que não a médica, no caso, de estudo sociológicos, especificamente de um grupo composto por PCD britânicas, intitulado *disability studies* (Piccolo & Mendes, 2013).

Nessa concepção, a lesão seria algo presente no corpo da pessoa, como qualquer outra característica corporal (cor dos olhos, cabelo, altura, etc.). Já a deficiência é compreendida como a interação que essa pessoa com lesão tem com as barreiras sociais (físicas, atitudinais, de comunicação, entre outras) que podem dificultar o seu desenvolvimento pleno e a sua participação efetiva na sociedade. A partir da diferenciação desses dois conceitos (lesão e deficiência), marca-se o caráter social da deficiência (Sampaio & Ferreira, 2019).

O grande avanço dessa perspectiva é de que a mesma entende a deficiência como um fato social que seria justificado por outro fato social: a sociedade capitalista que oprime e é insensível às diferenças sociais. Assim, os autores dos *disability studies* buscaram criar um conceito sociológico para a deficiência que pudesse substituir o anterior, de base biológica, oriundo do Modelo Médico. Dessa forma, nessa perspectiva de estudos sociais sobre a deficiência, entende-se que é a partir de uma lesão corporal que são construídas socialmente outras diferenças, impactando na inserção das pessoas com lesão no coletivo e culminando na opressão social (Piccolo & Mendes, 2013).

Em suma, o surgimento desse modelo revisa a ênfase dada às limitações físicas do modelo médico, possibilitando uma grande discussão sobre as limitações do vocabulário usado para descrever a deficiência. Os autores dos estudos sociais da deficiência enfatizaram que não havia, necessariamente, relação direta entre lesão e deficiência, transferindo o debate sobre saúde para o terreno da organização social e política. Segundo os *disability studies*, a lesão seria uma característica corporal, enquanto que a deficiência seria o resultado da opressão e da discriminação sofrida pelas pessoas em função de uma sociedade que se organiza de maneira que não permite incluí-las na vida cotidiana (Bampi, Guilhem & Alves, 2010).

Nesses moldes, é possível que uma pessoa com lesão não experimente, de fato, a deficiência, desde que o meio em que esteja inserida seja ajustado para incorporar a diversidade humana. Usando como exemplo pessoas com alguma lesão física: o fato de não poder caminhar, se configura como a lesão, já a deficiência física estaria na inacessibilidade imposta às pessoas que usam uma cadeira de rodas. O resultado dessa revisão na semântica dos conceitos foi uma separação radical entre lesão e deficiência. A primeira representa o objeto da discussão sobre saúde, enquanto a segunda é uma questão da sociedade, dos direitos e da justiça (Bampi, Guilhem & Alves, 2010).

A partir da expansão dos coletivos de pessoas com deficiência e dos estudos sociais sobre a deficiência, novas vertentes foram surgindo. Destaca-se a importância dos estudos feministas sobre a deficiência que busca romper com a divisão entre gênero e deficiência. Essa ruptura mostrou-se necessária, pois, até o momento, os estudos sobre gênero não consideravam o recorte da deficiência como categoria de análise, do mesmo modo que os primeiros autores dos estudos sociais da deficiência também não consideravam os aspectos de gênero, raça e demais marcadores sociais na experiência social da deficiência (Gomes & Lopes, 2017).

Assim, entende-se que as autoras feministas contribuem consideravelmente para as ciências sociais e humanas, a partir do momento que consideram os diferentes recortes sociais, para além da deficiência. Os estudos feministas ampliam as noções de identidade para garantir a viabilização de políticas públicas que considerem as diversas formas de existência. Há também a preocupação em tornar as vidas “não normativas” dignas, especialmente as das mulheres com deficiência que sofrem uma dupla condição de opressão e vulnerabilidade: o capacitismo e o machismo. A defesa da deficiência como categoria de análise se consolida como uma contribuição importante em relação ao cenário político. Ainda, os estudos feministas consideram a interdependência das relações humanas e a importância do cuidado como princípio ético e de justiça. Para tanto, a crítica à noção moderna de independência aparece como um eixo central nesses estudos sociais. Assim, entende-se como necessário o deslocamento do cuidado do âmbito privado para o cuidado público, sendo fomentado pelas políticas sociais (Gomes & Lopes, 2017).

Assim, entende-se que essa teoria retira a conotação de “problema individual” da deficiência, contrapondo a exigência à normalidade reivindicada pelo *Modelo Médico*. Ademais, salienta-se que o *Modelo Social* da deficiência foi incorporado na legislação brasileira através da Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015), motivo pelo qual esta foi a perspectiva escolhida para embasar o presente estudo.

A partir da expansão dos estudos sobre deficiência para áreas humanas e sociais, intensificou-se também o debate acerca da nomenclatura adequada para se fazer referência a esse público. Com o objetivo de descrever a deficiência com fins políticos para além dos diagnósticos, problematizou-se a utilização de termos como “aleijado”, “manco”, “pessoa portadora de necessidades especiais”, por exemplo, que remetem à origem do diagnóstico. Ainda que não se tenha um consenso atual sobre a melhor forma para fazer referência a esse público, as expressões mais utilizadas atualmente são “pessoa com deficiência”, “deficiente” e “pessoa deficiente”, com algumas particularidades nas justificativas de escolha entre essas possibilidades. Por um lado, nos movimentos oriundos dos Estados Unidos, a expressão “pessoa com deficiência” ganha força, por se considerar a deficiência como uma característica da pessoa e não o seu todo. Em contrapartida, reflexões britânicas argumentaram que essa definição remete ao caráter individual da deficiência, como sendo da pessoa e não uma questão social, defendida pelo Modelo Social da Deficiência, motivo pelo qual essas correntes acreditam que termos como “deficiente” ou “pessoa deficiente” caracteriza a questão identitária da deficiência de maneira mais adequada (Diniz, 2007). No presente trabalho, optou-se por empregar o termo “pessoa com deficiência” por ser o termo adotado na Legislação Brasileira na Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015).

Importante salientar que o modo como uma sociedade encara a deficiência reflete diretamente nas interações sociais e impacta em como as pessoas que a possuem serão tratadas. PCD possuem características únicas, como qualquer outra pessoa, que manifestam suas particularidades e singularidades em prol da sua dignidade, lutando constantemente por autonomia, independência e inclusão social. Mesmo diante de todos esses movimentos, esse público ainda é alvo de pensamentos e atitudes preconceituosas (Costa, 2018).

O preconceito em relação a esse público tem sido denominado de capacitismo. Considera-se que esse termo reflete uma prática estrutural na nossa sociedade e que é baseado em padrões de normalidade estabelecidos socialmente que não considera as PCD capazes de exercerem sua vida com dignidade e autonomia. Essa ideia cria estigmas a serem quebrados em relação a essas pessoas, não apenas em relação às suas habilidades e capacidades em geral, mas particularmente quanto aos seus relacionamentos afetivos e sexuais, ou seja, na sua esfera amorosa (Maia & Ribeiro, 2010), motivo pelo qual o fenômeno do amor será explorado a seguir.

O amor: Entendimento sob diferentes perspectivas

Assim como mencionado em relação ao conceito da deficiência, o amor também foi alvo de estudo de diferentes autores, por meio de diferentes paradigmas. Considerando um breve panorama histórico, pode-se destacar três grandes teorias que abordam inicialmente o tema do amor no âmbito da Psicologia (Martins-Silva, Trindade & Junior, 2013). A primeira delas é a Psicanálise, postulada por Sigmund Freud, que teorizou sobre o amor como parte da teoria do desenvolvimento psicosssexual. Essa teoria entende que as demandas da sexualidade dos indivíduos pressupõem um “instinto sexual”, fazendo uso do termo “libido” para se referir a este instinto. Ainda, na Psicanálise utiliza-se o termo “objeto sexual” para se referir à pessoa pela qual o indivíduo manifesta uma atração sexual e “meta sexual” para denominar a ação à qual o instinto sexual impele (Freud, 1914/1996).

Em linhas gerais, Freud postula que, quando um ser humano nasce, o que se observa primeiro é um auto direcionamento dessa energia libidinal do indivíduo para si mesmo (narcisismo primário). O autor estabelece algumas zonas erógenas do corpo da criança para a qual a sexualidade da mesma está direcionada através das pulsões sexuais, culminando no prazer. A partir dessas zonas erógenas, o autor estabeleceu algumas fases do desenvolvimento psicosssexual, a saber: fase oral (zona erógena: boca), fase anal (zona erógena: ânus), fase fálica (zona erógena: órgãos genitais) e fase genital, já no ingresso na puberdade. Entre a fase fálica e a fase genital, tem-se o período de latência, no qual não existe zona erógena específica (Freud, 1914/1996).

De acordo com Freud, é somente na fase genital que começa a se observar o direcionamento da libido para um objeto sexual externo ao corpo e à família. Ainda, entende que esse objeto-alvo do investimento sexual pode representar aquilo que falta no indivíduo (Freud, 1914/1996). Especificamente sobre o amor, o autor não o estabelece como sinônimo do desejo sexual, embora relacione as duas esferas, ou seja: embora o amor apresente uma estrutura diferente da pulsão sexual, existe uma conexão entre esses elementos. Sendo assim, a teoria freudiana relaciona os fenômenos do prazer (libido e pulsões sexuais) com a ação de amar o objeto sexual. Para Freud, o conceito do amor é amplo, sendo a libido uma das formas de expressão do amor. Ao mesmo tempo, o amor permite ao sujeito ligar-se ao alvo das suas pulsões sexuais. Freud estabeleceu dois tipos de amor, com base na compreensão do narcisismo: o amor objetual, referente ao sentimento pelo objeto sexual, e o amor próprio, fruto do narcisismo infantil e da satisfação libidinal (Freud, 1914/1996).

Posteriormente a Freud, Theodor Reik, também a partir da perspectiva psicanalítica, postulou algumas particularidades em relação às ideias de Freud sobre o amor. Para Reik, o amor seria diferente do desejo: enquanto o amor está direcionado

para outra personalidade, o desejo se interessa por outro corpo (Martins-Silva, Trindade & Junior, 2013).

Ainda nessa fase inicial de proposições teóricas sobre o amor, pode-se mencionar as ideias apresentadas por Abraham H. Maslow. Segundo esse autor, existem dois tipos de amor: o *D-love* (amor deficiente), que seria direcionado para outra pessoa para sanar as próprias deficiências, e o *B-love* (amor), que aconteceria entre pessoas auto-realizadas, que amam os outros pelo que eles de fato são (Martins-Silva, Trindade & Junior, 2013).

A partir dessas concepções iniciais, surgiram outras para explorar o fenômeno. Dentre estas, pode-se mencionar o paradigma dos estilos de amor, postulado por John Alan Lee, na década de 1970. Essa perspectiva defende a aprendizagem do amor e a existência de diferentes estilos de amor, de acordo com as diferenças dos indivíduos nas formas de amar. Conforme as pesquisas do autor, existem três estilos primários de amor. O primeiro deles é denominado “Eros”, característico das pessoas que priorizam o tipo físico como principal atrativo. Além da intensidade e rapidez com que buscam conhecer o(a) parceiro(a), esses indivíduos preferem as manifestações táteis e verbais de amor. O segundo estilo postulado é o “Ludus”, identificado em pessoas com preferência pela diversão e falta de compromisso com um(a) único(a) companheiro(a), manifestando amor por mais de uma pessoa ao mesmo tempo e por pessoas com diferentes tipos físicos. Já o terceiro estilo básico é o “Storge”, presente em pessoas que identificam o amor como uma amizade especial e que priorizam o conhecimento prévio do(a) parceiro(a) como amigo(a), antes de qualquer interação amorosa e sexual. Nesse último estilo, o aspecto emocional é prioridade, não sendo identificado um tipo físico preferencial para esses indivíduos. A partir desses três estilos de amor principais, Lee indica a possibilidade de diferentes combinações entre eles, resultando em seis estilos de amor. Por exemplo, a combinação dos estilos “Ludus” e “Storge” culmina no surgimento de um novo estilo denominado “Pragma”, manifestado em pessoas realistas e práticas, que buscam parceiros(as) que correspondam às suas expectativas, normalmente com os mesmos gostos, classe social e religião. Entretanto, essas classificações são dinâmicas, porque o autor afirma que os indivíduos podem variar seus estilos de amor ao longo da vida (Martins-Silva, Trindade & Junior, 2013).

Outra concepção teórica desenvolvida nos anos 70 foi a Teoria do Apego Adulto, pautada nos estudos de John Bowlby e Mary Ainsworth sobre o apego em crianças que, em linhas gerais, postula que o apego é responsável pela proximidade e vínculo do bebê com o seu cuidador (Dalbem & Dell’Aglia, 2005). A partir desse paradigma, entende-se que o estilo de apego desenvolvido na infância tende a se

manter e a se reforçar nas relações estabelecidas posteriormente na vida adulta. Segundo essa teoria, existem quatro padrões de apego que podem ser identificados na infância: seguro, ambivalente, evitativo e desorganizado/desorientado. O primeiro deles envolve confiança da criança nas suas figuras de apoio, que são sensíveis e responsivas, o que lhe permite explorar o ambiente e desenvolver novas relações. Já o padrão de apego inseguro ambivalente pode ser visto nas crianças que não demonstram interesse em explorar o ambiente pela preocupação com a atenção dos seus cuidadores, que nem sempre fornecem respostas às suas demandas. Essas crianças reagem intensamente à separação das figuras de apego e mostram-se desconfiadas no retorno das mesmas. Já o padrão inseguro evitativo é característico de crianças que, devido à falta de responsividade dos cuidadores quando elas manifestam as suas necessidades, ou até mesmo da rejeição dos cuidadores, demonstram um desengajamento em relação a eles, não se mostrando abaladas com a separação das figuras de apego e seguindo distantes quando estas figuras se reaproximam. Por fim, o padrão de apego desorganizado/desorientado é percebido em crianças com vivências negativas com cuidadores ao longo do seu desenvolvimento, tais como abuso, maus-tratos e negligência, sendo que estes acabam por representar figuras amedrontadoras. Tais crianças tendem a ser impulsivas em momentos de brabeza, confusões ou perturbações, não conseguindo desenvolver estratégias para lidar com os momentos de separação (Bowlby, 1982).

Com o desenvolvimento de investigações com base nessa teoria, estabeleceram-se estilos de apego nos adultos, que guardam alguma correspondência com os estilos identificados na infância, sendo eles: apego seguro, apego preocupado-ansioso, apego desapegado-evitativo e apego assustado-evitativo. Pessoas com apego seguro possuem mais facilidade para estabelecer relações íntimas e serem receptivas com seus parceiros, buscando equilíbrio entre privacidade e independência nas suas relações. Além disso, tendem a ter opiniões positivas sobre si, seus parceiros e sobre as suas relações amorosas. Já pessoas com estilo preocupado-ansioso demonstram uma grande necessidade de intimidade, receptividade e aprovação dos seus cônjuges, tornando-se até dependente deles. Indivíduos com esse estilo de apego frequentemente duvidam do seu valor e podem demonstrar altos níveis de preocupação e impulsividade em seus relacionamentos. Já o padrão desapegado-evitativo caracteriza aquelas pessoas com forte desejo de independência, como uma tentativa de evitar o apego. Esses indivíduos tendem a se sentir autossuficientes, podendo negar a necessidade de relações íntimas e mostrar-se mais defensivos, reprimindo os seus sentimentos. Por fim, o estilo assustado-evitativo diz respeito àqueles sujeitos que nutrem sentimentos ambíguos sobre os seus

relacionamentos íntimos, por vezes desejando a intimidade com seus parceiros, por vezes podendo se sentir desconfortáveis com tal intimidade, não expressando o apego com naturalidade inicialmente (Pietromonaco & Barrett, 1997).

Investigações nacionais e internacionais sobre os estilos de apego nas relações amorosas verificaram associação entre tais estilos de apego adulto e as experiências de apego na infância, ao passo que os pares românticos configuram uma das principais figuras de apego dos indivíduos na vida adulta. Entende-se que o amor envolve diferentes aspectos, dentre eles o apego, o cuidado e a sexualidade (Mikulincer & Shaver, 2020; Santiago, 2017).

Uma revisão bibliográfica recente realizada por pesquisadores suíços mostrou que, nas últimas décadas, centenas de pesquisas se dedicaram a estudar a contribuição do estilo de apego aos sentimentos e comportamentos nas relações conjugais. Os trabalhos revisados por esse estudo suíço postulam que um cônjuge que reflete uma figura de apoio que indica segurança contribui para a redução dos níveis de ansiedade e evitação do seu par, devido ao fornecimento de apoio, ao mesmo tempo em que contribui para o desenvolvimento do bem-estar e da longevidade da relação. Sendo assim, um(a) parceiro(a) responsivo aumenta a estabilidade e a satisfação conjugal (Mikulincer & Shaver, 2020).

Um trabalho realizado no leste europeu relacionou os estilos de apego à dinâmica de relações abusivas, mais especificamente a permanência de pessoas vítimas de relacionamentos tóxicos nesse ciclo negativo e a possível revitimização em relacionamentos amorosos no futuro. Investigando esses aspectos entre 150 mulheres turcas e húngaras, encontrou-se que aquelas que apresentavam apego inseguro ambivalente/resistente demonstraram maior tendência para se imaginarem permanecendo em uma relação abusiva hipotética em relação àquelas com estilo de apego evitativo. Isso pode se justificar pelo fato de que indivíduos com apego evitativo demonstram maior autossuficiência e tendência a abandonar relações interpessoais sob estresse relacional, como é o caso das relações abusivas (Kural & Kovacs, 2020).

A segunda parte desse mesmo estudo reuniu 230 mulheres húngaras, turcas, polonesas, romenas e sérvias para verificar esses resultados em um estudo experimental, buscando examinar se um estilo de apego seguro seria um fator de proteção para a permanência em relações abusivas. De fato, mulheres com estilo de apego seguro demonstravam níveis mais baixos de motivação para permanecer em um relacionamento abusivo hipotético em comparação às demais (Kural & Kovacs, 2020).

Nessa mesma linha, um estudo italiano recente buscou investigar e relacionar os estilos de apego com a adoção de comportamentos disfuncionais (tais como enviar

mensagens e/ou realizar ligações telefônicas excessivas e ameaças verbais) logo após o término de um relacionamento amoroso entre 136 pessoas que haviam passado por um término de relacionamento recentemente. Os autores encontraram relação significativa entre apego inseguro, ser mulher, baixa escolaridade e ter tido um relacionamento amoroso informal e a tendência de adotar comportamentos disfuncionais no processo de término. Ainda, esses participantes foram os que relataram mais medo de abandono e necessidade de atenção. Ao mesmo tempo, constatou-se que apego seguro, nível de escolaridade superior e casamento formal apresentaram-se como fatores de proteção em relação aos comportamentos disfuncionais citados, como tentativas insistentes de comunicação e difamação (Civilotti, Dennis, Maran, & Margola, 2021).

Ainda internacionalmente, um estudo canadense buscou relacionar o papel dos estilos de apego e o amor romântico, bem como a influência dessas variáveis nas estratégias de resolução de conflitos nos relacionamentos amorosos. Os resultados apontaram relação positiva significativa entre o estilo de apego seguro e a paixão harmoniosa na relação, enquanto que o estilo de apego inseguro evitativo associou-se de forma negativa a esse constructo. Ademais, o estilo de apego inseguro ansioso mostrou-se associado à paixão obsessiva em relação ao cônjuge. Ainda, observou-se que a paixão harmoniosa foi um bom preditor para o uso de estratégias adaptativas para a resolução de conflitos, enquanto que a paixão obsessiva esteve ligada a estratégias desadaptativas de resolução (Paquette, Rapaport, St-Louis & Vallerand, 2020).

Nacionalmente, um estudo realizado no Rio Grande do Sul com 100 casais heterossexuais com mais de 18 anos constatou que adultos com padrão de apego seguro sentem-se menos ameaçados em discussões com o parceiro, apresentam menor incidência de conflitos e maior uso de negociação no relacionamento. Além disso, essas pessoas demonstram mais equilíbrio entre proximidade e autonomia nas relações conjugais, maior facilidade e desejo de intimidade, pouca preocupação com o abandono, boa impressão do outro e boa autoestima, culminando em relações mais duradouras. Em contrapartida, os adultos com estilo de apego evitativo apresentam medo e desconforto com a intimidade, não atentando para experiências e necessidades do companheiro, além de precisarem manter distância, mostrando-se mais inclinados a utilizar estilos negativos na resolução de conflitos. Já os adultos com apego ansioso/ambivalente tendem a ter preocupação com a falta de proximidade, medo de rejeição e desejo constante de união. Nesses casos, a intimidade tende a prevalecer sobre a autonomia, havendo ciúme extremo e submissão para ser aceito (Consoli, Bernardes & Marin 2018).

Como visto, as diferentes teorias sobre o amor promovem leituras distintas sobre os fatores que caracterizam e repercutem sobre os relacionamentos amorosos e os relacionamentos afetivos em geral (Cerqueira & Rocha, 2018). Neste estudo, optou-se pela adoção da Teoria Triangular do Amor, postulada mais recentemente por Robert Sternberg (1986), para embasar a compreensão do tema. Essa perspectiva foi escolhida por abarcar elementos básicos de caracterização do amor e ter pautado a construção de instrumentos psicológicos já validados no contexto brasileiro para a sua avaliação. Dessa forma, esta teoria tem sido utilizada em diversos estudos brasileiros sobre o tema com o público de pessoas sem deficiência (Freitas, 2020; Hernandez & Baylão, 2020; Hernandez, et. al., 2015; Karwowski-Marques, 2008; Silva, 2015). Em contrapartida, mesmo que amplamente difundida, ainda não foram encontrados estudos embasados nessa teoria entre PCD.

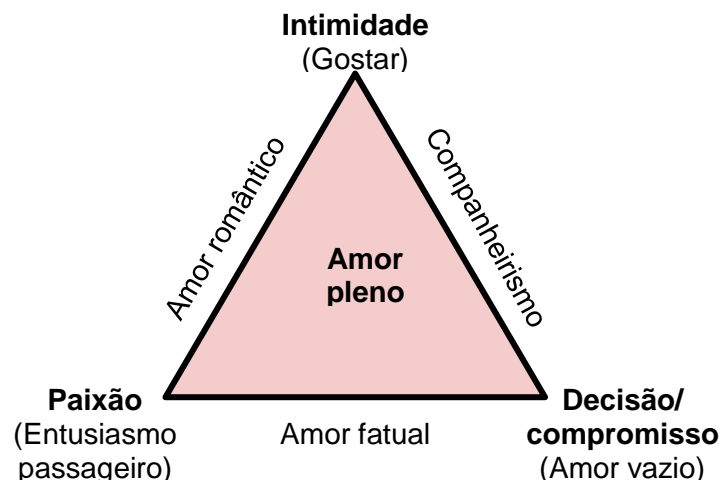
Para Sternberg (1986), o amor é composto por três elementos básicos: compromisso/decisão, intimidade e paixão que, como o próprio nome da teoria traz, metaforicamente formam um triângulo. A partir do entrelaçamento desses “vértices”, o autor pretende explicar o amor em seus diferentes tipos. Sobre os componentes postulados por Sternberg, o Compromisso/Decisão é entendido como algo que pode ser de curto prazo e diz respeito à presença de amor na relação, ou de longo prazo, quando se refere ao compromisso de manter esse sentimento. Já sobre a Intimidade, Sternberg a postula como a proximidade e os laços emocionais presentes no relacionamento amoroso. Por fim, a Paixão possui como principais elementos a atração física, o romance, a excitação e a consumação sexual (Martins-Silva, Trindade, & Silva Júnior, 2012).

É importante salientar que o triângulo do amor proposto por Sternberg (Figura 1) não descreve o sentimento do amor apenas nos relacionamentos amorosos, mas também em outras relações interpessoais, o que vai depender da combinação entre os vértices/elementos presentes em cada relação, culminando em diferentes tipos de amor. Quando o componente da Intimidade é apresentado desacompanhado dos demais, representa o sentimento de “gostar”, como na amizade. Já a identificação do componente Paixão isolado ocasiona um entusiasmo/excitação passageiro, se não estiver acompanhado dos demais elementos. Em contrapartida, quando há apenas Decisão/Compromisso, a união ocorre por fatores externos ao casal, ocasionando o que é denominado de amor vazio (Cassepp-Borges, 2010). Assim, quando há combinação de dois ou mais vértices do triângulo, entende-se que o sentimento do amor é mais intenso. Especificamente quando se trata das relações amorosas, entende-se que os três elementos podem estar presentes momentaneamente, ainda que possam apresentar diferentes intensidades de casal para casal e em diferentes

momentos do tempo. Quando há a combinação dos elementos Intimidade e Paixão, têm-se o amor romântico, muito veiculado na ficção, por exemplo. Já a ligação da Intimidade com a Decisão/Compromisso culmina no companheirismo, característica de casais que permanecem juntos mesmo sem a presença da atração física (Paixão). Quando ocorre a fusão dos elementos Paixão e Decisão/Compromisso, apresenta-se o amor fatural, conhecido também como “amor à primeira vista”, em que a atração é evidente e a intenção de permanecer com a pessoa também, mesmo com pouco tempo de vínculo (Intimidade). Além dessas combinações, o autor postulou o amor pleno, que se verifica quando existe a presença dos três elementos do amor na relação (Cassepp-Borges, 2010).

Figura 1.

Triângulo do Amor de Sternberg (Cassepp-Borges, 2010)



Como mencionado, os elementos propostos por Sternberg (1986) podem ser influenciados por diferentes fatores, tanto internos como externos aos indivíduos. Em relação a esses últimos, considera-se de extrema relevância a satisfação com o relacionamento amoroso, já que a mesma pode influenciar o desenvolvimento ou não dos componentes do amor e depende não somente da avaliação do indivíduo, mas dos comportamentos do(a) parceiro(a) amoroso(a). Da mesma forma, os elementos do amor também influenciam na satisfação com a relação amorosa, constructo explorado na próxima seção.

A satisfação amorosa e a sua importância para a relação conjugal

A forma como uma pessoa avalia subjetivamente a sua relação amorosa mostra o quão satisfeita (ou não) ela está com o seu relacionamento atual. Essa avaliação pode ser influenciada pela intimidade e pela satisfação sexual, ambos elementos do amor (Lopes, 2012), motivo pelo qual, no presente estudo, estes dois aspectos da relação amorosa foram escolhidos como alvos de investigação.

A satisfação com a relação amorosa está associada a outros fatores presentes nestas relações, como o prazer, o bem-estar e a felicidade (Londero-Santos, Natividade & Féres-Carneiro, 2021). O nível de satisfação com o relacionamento amoroso atual é resultado do balanço que o indivíduo faz entre os aspectos positivos e negativos da relação, bem como entre as suas necessidades e expectativas e os benefícios que obtém com esse relacionamento (Londero-Santos et al., 2018). Quando essa avaliação é positiva, entende-se que existe satisfação com a relação amorosa (Londero-Santos et al., 2018).

Dentre os aspectos que podem contribuir para uma avaliação positiva do relacionamento, podem ser mencionados a reciprocidade na tomada de decisões, a concordância nas questões financeiras, a partilha das tarefas domésticas e a presença de habilidades sociais dos parceiros amorosos (Lopes, 2012; Moura, 2019). Por outro lado, existem alguns aspectos que podem influenciar negativamente a satisfação com o relacionamento amoroso, tais como a presença de conflitos e medos, a insatisfação sexual e o cansaço (Lopes, 2012). A insatisfação conjugal tem sido apontada como uma das principais causas de divórcio atualmente (Moura, 2019).

Como mencionado, pelo fato de a satisfação com o relacionamento ser um aspecto que atravessa os componentes do amor e também é influenciado por eles, outros estudos também têm investigado esses construtos concomitantemente para descrever as relações amorosas de pessoas sem deficiência. Dentre eles, uma pesquisa realizada no Rio Grande do Sul relacionou os elementos do amor de Sternberg com a satisfação amorosa, a depressão e a ansiedade entre 50 casais heterossexuais. A autora não encontrou diferença significativa entre homens e mulheres na expressão dos elementos básicos do amor (intimidade, paixão e compromisso). Contudo, os homens estavam mais satisfeitos com as suas relações amorosas quando comparados às mulheres. Ainda, foi verificada maior satisfação com o relacionamento amoroso, independentemente do gênero, naqueles relacionamentos mais longos. Todos os elementos do amor se associaram positivamente a maiores níveis de satisfação com a relação amorosa. Ademais, o componente da intimidade foi identificado como o principal elemento amoroso, explicando a associação entre a duração do relacionamento e a satisfação com a relação amorosa. Por fim, as mulheres apresentaram maiores índices de depressão em relação aos homens,

estando essa patologia associada de forma negativa à satisfação amorosa (Karwowski-Marques, 2008).

Outro estudo nacional, realizado no Rio de Janeiro com 331 pessoas, buscou comparar os elementos do amor com a satisfação amorosa e entre participantes com diferentes orientações sexuais. Conforme os autores, a combinação dos componentes da intimidade e do compromisso foi o mais importante preditor da satisfação com o relacionamento amoroso tanto para pessoas homossexuais quanto heterossexuais (Hernandez & Baylão, 2020).

Na mesma linha, um estudo realizado em Portugal buscou relacionar o desenvolvimento dos elementos básicos do amor à violência conjugal e à satisfação amorosa. Como resultado, obteve-se que os índices de violência conjugal estavam associados a pontuações mais baixas em todos os elementos do amor, e, conseqüentemente, também da satisfação com o relacionamento amoroso (Silva, 2015).

Em suma, entende-se tanto a deficiência como o amor como constructos complexos, que vêm sendo compreendidos por diferentes perspectivas ao longo do tempo. No presente trabalho, optou-se por adotar o Modelo Social da Deficiência e a Teoria Triangular do Amor de Sternberg para descrevê-los, por serem ambos paradigmas amplamente difundidos nos estudos científicos sobre as temáticas, ainda que separadamente. Entendendo a deficiência como uma questão social e o amor como um fenômeno que também se estabelece socialmente, o estudo da interseção entre ambos, através da análise da satisfação com o relacionamento amoroso, faz-se necessário, a fim de conhecer como são vivenciados os vínculos amorosos estabelecidos pelas PCD.

3 OBJETIVOS E HIPÓTESES DO ESTUDO

3.1 Objetivo geral

Investigar a percepção de PCD física, sensorial ou múltipla sobre os componentes do amor e a satisfação com o relacionamento amoroso.

3.2 Objetivos específicos

- Descrever a amostra em termos sociodemográficos e quanto ao tipo de deficiência.
- Comparar como se apresentam os componentes do amor (compromisso/decisão, intimidade e paixão) e a satisfação com a relação amorosa de PCD física, sensorial ou múltipla.
- Averiguar diferenças em relação aos elementos do amor e à satisfação com o relacionamento amoroso de PCD física, sensorial ou múltipla, conforme diferentes características sociodemográficas, tais como idade, tempo de relacionamento, escolaridade, ocupação, estado civil, parceiro(a) com ou sem deficiência e orientação sexual.

Com base na literatura consultada, estimava-se encontrar associação significativa entre ser do sexo masculino e apresentar escores mais elevados em todos os componentes do amor e na satisfação amorosa, independentemente do tipo de deficiência. Também se esperava que PCD com relacionamentos mais longos apresentassem escores mais elevados no componente intimidade. No que tange à idade, esperava-se encontrar associação significativa negativa entre os escores do componente paixão e a idade. Por fim, presumia-se encontrar associação positiva significativa entre a satisfação com o relacionamento amoroso e os três componentes do amor.

REFERÊNCIAS DA REVISÃO DE LITERATURA

BAMPI, Luciana Neves da Silva; GUILHEM, Dirce; ALVES, Elioenai Dornelles. Modelo Social: uma nova abordagem para o tema deficiência. **Revista Latino Americana de Enfermagem**, v. 18, n. 4, p. 2-9, 2010. Disponível em:

<https://www.scielo.br/i/rlae/a/yBG83q48WG6KDHmFXXsqVkR/abstract/?lang=pt>

Acessado em 20 de dezembro de 2023.

BRASIL. Secretaria Geral da República. Brasília. **Lei Brasileira de Inclusão**: lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015, 2015. Brasília, Distrito Federal. Acessado em 13 de julho de 2022.

BOWLBY, John. **Formação e rompimento de laços afetivos**. Martins Fontes, 1982. São Paulo, Brasil

CASSEPP-BORGES, Vicente. **Amor e construtos relacionados: Evidências de validade de instrumentos de medida no Brasil**. 2010. 174 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações) - Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil.. Disponível em:

<https://repositorio.unb.br/handle/10482/8330> Acessado em 15 de janeiro de 2022.

CASSEPP-BORGES, Vicente; TEODORO, Maycoln LM. Psychometrics properties of the Brazilian version of Sternberg's triangular love scale. **Psicologia, Reflexão e Crítica**, v. 20, n. 3, p. 513, 2007. Disponível em:

<https://www.proquest.com/openview/4490afbbd3c378e1df6db0dd398e04f2/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2035993> Acessado em 15 de janeiro de 2022.

CERQUEIRA, Isabella de Carvalho; DA ROCHA, Fátima Niemeyer. Amor e relacionamentos amorosos no olhar da psicologia. **Revista Mosaico**, v. 9, n. 2, p. 10-17, 2018. Disponível em:

<http://editora.universidadedevassouras.edu.br/index.php/RM/article/view/1449>

Acessado em 15 de janeiro de 2022.

CIVILOTTI, Cristina; DENNIS, John Lawrence; MARAN, Daniela Acquadro; MARGOLA, Davide. When love just ends: An investigation of the relationship between disfuncional behaviors, attachment styles, gender and education shortly after relationship dissolution. **Frontiers in psychology**, v.12 p. 02-14, 2021. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpsyg.2021.662237/full> Acessado em 02 de outubro de 2023.

CONSOLI, Natana; BERNARDES, Jade Wagner; MARIN, Angela Helena. Ties Between Loved Ones: The Repercussions of the Primary Attachment Style and the Attachment Style Established between Couples in the Marital Adjustment. **Avances en Psicología Latinoamericana**, v. 36, n. 2, p. 315-329, 2018. Disponível em:

[http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S1794-](http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S1794-47242018000200315&script=sci_abstract&tlng=en)

[47242018000200315&script=sci_abstract&tlng=en](http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S1794-47242018000200315&script=sci_abstract&tlng=en) Acessado em 10 de agosto de 2022.

COSTA, Mariana Stella Garcia Magesty. **A vivência da sexualidade na deficiência: uma revisão bibliográfica**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Terapia Ocupacional) - Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil. Disponível em:

https://bdm.unb.br/bitstream/10483/23895/1/2018_MariannaStellaGarciaMagestydaCosta_tcc.pdf Acessado em 10 de agosto de 2022.

DALBEM, Juliana Xavier; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. **Arquivos brasileiros de psicologia**, v. 57, n. 1, p. 12-24, 2005. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-52672005000100003&script=sci_abstract

Acessado em 06 de agosto de 2023.

DINIZ, Débora. **O que é deficiência?** 1ª Edição. Editora Brasiliense, 2007. São Paulo, Brasil.

FREITAS, Nájila. Bianca. Campos. **Grande amor romântico: evidências psicométricas e contribuições psicossociais**. 2020. 139 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, Brasil. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/20342?locale=pt_BR Acessado em 22 de março de 2022.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade: Um caso de histeria**. 1905. 7ª Edição das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Editora Imago, 1996. Rio de Janeiro, Brasil.

FREUD, Sigmund. **Sobre o narcisismo: uma introdução**. 1914. 14ª Edição das obras completas de Sigmund Freud. Editora Imago, 1996. Rio de Janeiro, Brasil.

GOMES, Ruth Bonan; LOPES, Paula Helena. Estudos feministas da deficiência: novas perspectivas e intersecções. Anais eletrônicos: Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress, 2017.

HERNANDEZ, José Augusto Evangelho; BAYLÃO, Vera Lucia da Anunciação. Sex roles, love, and conjugal satisfaction in heterosexual and homosexual individuals.

Psico-USF, v. 25, p. 27-38, 2020. Disponível em:

<https://www.scielo.br/psuf/a/53Qpmfy5vk5TpzQFLFpttHw/abstract/?lang=en>

Acessado em 18 de setembro de 2022.

HERNANDEZ, José Augusto Evangelho et al. Autorrelatos do amor no ciclo vital adulto. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 15, n. 2, p. 747-763, 2015. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/17709> Acessado em 18 de setembro de 2022.

IGNAGNI, Esther et al. 'Some people are not allowed to love': intimate citizenship in the lives of people labeled with intellectual disabilities. **Disability & Society**, v. 31, n. 1, p. 131-135, 2016. Disponível em:

<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09687599.2015.1136148> Acessado em

18 de setembro de 2022.

KARWOWSKI-MARQUES, Ana Paula Maraschin. **Percepções sobre o amor, a qualidade e a satisfação com o relacionamento em casais**. 2008. 72 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) -, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil. Disponível em:

<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/2881> Acessado em 18 de setembro de 2022.

KURAL, Ayse; KOVACS, Monika. The role of anxious attachment in the continuos of abusive relationships: The potential for strengthening a secure attachment schema as a tool of empowerment. **Acta Psychologica**, v.225 p. 02-08. Disponível em:

<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S000169182200052X?via%3Dihub>

Acessado em: 02 de outubro de 2022.

LONDERO-SANTOS, Amanda; NATIVIDADE, Juan Carlos; CARNEIRO, Terezinha Féres. O que faz seu relacionamento ser bom? Associações entre o discurso e a satisfação com o próprio relacionamento. Pôster apresentado na **48ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia** em 2018, São Leopoldo, Brasil.

LONDERO-SANTOS, Amanda; NATIVIDADE, Juan Carlos; CARNEIRO, Terezinha Féres. Uma medida de satisfação com o relacionamento amoroso. **Avaliação Psicológica: Interamerican Journal of Psychological Assessment**, v. 20, n. 1, p. 11-22, 2021. Disponível em: <http://revista.redeunida.org.br/ojs/index.php/cadernos-educacao-saude-fisioter/article/view/732> Acessado em 18 de setembro de 2018.

LOPES, Bruna Sofia Nogueira. **Um olhar sobre as relações amorosas: satisfação conjugal, intimidade e satisfação sexual**. 2012. 66 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Instituto Universitário Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida, Lisboa, Portugal. Disponível em: <https://repositorio.ispa.pt/handle/10400.12/3780> Acessado em 30 de agosto de 2023.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Desfazendo mitos para minimizar o preconceito sobre a sexualidade de pessoas com deficiências. **Revista brasileira de educação especial**, v. 16, n. 02, p. 159-176, 2010. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1413-65382010000200002&script=sci_abstract Acessado em 22 de janeiro de 2022.

MATTILA, Jenni; MÄÄTTÄ, Kaarina; UUSIAUTTI, Satu. 'Everyone needs love' – an interview study about perceptions of love in people with intellectual disability (ID). **International journal of adolescence and youth**, v. 22, n. 3, p. 296-307, 2017. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/02673843.2016.1167749> Acessado em 15 de fevereiro de 2022.

MARTINS-SILVA, Priscilla de Oliveira et al. Theories about love in the field of Social Psychology. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 33, n. 1, p. 16, 2013. Disponível em: <https://www.proquest.com/openview/72e9b44326d2a60a4d49c96d12cb73fa/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2047533> Acessado em 15 de janeiro de 2022.

MIKULINCER, Mario; SHAVER, Peter. Enhancing the “Broaden And Build” Cycle of Attachment Security in Adulthood: From the Laboratory to Relational Contexts and Societal Systems. **International Journal of Environmental Research and Public Health** v.17, p. 02-19, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/340076521_Enhancing_the_Broaden_and_Build_Cycle_of_Attachment_Security_in_Adulthood_From_the_Laboratory_to_Relational_Contexts_and_Societal_Systems Acessado em 02 de outubro de 2023.

MOURA, Fabiano Moura. **Separação de casal: entre a satisfação conjugal e a separação judicial**. 2019 116 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde) - Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal. Disponível em: <https://bdigital.ufp.pt/handle/10284/8584> Acessado em 31 de agosto de 2023.

PAQUETTE, Virginia; RAPAPORT, Maylys; ST-LOUIS, Ariane; VALLERAND, Robert. Why are you passionately in love? Attachment styles as determinants of romantic passion and conflict resolution strategies. **Motivation and Emotion**, v. 44, p. 621-639. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/338708581_Why_are_you_passionately_in_love_Attachment_styles_as_determinants_of_romantic_passion_and_conflict_resolution_strategies Acessado em 02 de outubro de 2023.

PICCOLO, Gustavo Martins; MENDES, Enicéia Gonçalves. Contribuições a um pensar sociológico sobre a deficiência. **Educação Social**, v. 34, n. 123, p. 459-475. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/qGCqpQ4xNn3fkNQ48DZrxZj/?lang=pt> Acessado em 20 de dezembro de 2023.

PIETROMONACO, Paula R.; BARRETT, Lisa Feldman. Working models of attachment and daily social interactions. **Journal of personality and social psychology**, v. 73, n. 6, p. 1409, 1997. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/1997-42257-022> Acessado em 31 de agosto de 2023.

SAMPAIO, Thiago da Silva; FERREIRA, Vitor Siqueira. Modelos de deficiência/Disability models. **Brazilian Journal of Development**, v. 5, n. 11, p. 25676-25683, 2019. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/4719> Acessado em 22 de janeiro de 2022.

SCHNELLETT, Leyton et al. "You have the right to love and be loved": participatory theatre for disability justice with self-advocates. **Qualitative Research**, v. 23, n. 2, p. 467-485, 2023. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/14687941211034963> Acessado em 22 de janeiro de 2022.

SILVA, Raquel Pereira. **Contributos para o estudo da importância das componentes do amor da Teoria Triangular de Sternberg e da personalidade para a satisfação e violência nas relações íntimas**. 2015. 49 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação, Aconselhamento e Desenvolvimento) - Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/34484> Acessado em 22 de janeiro de 2022.

Santiago, José Carlos Silva. **Vinculação Atual aos Pares e Percepção de Apego aos Pais em Lisboa e Brasília: Relação Amorosa e Nacionalidade como Moderadoras**. 2017. 394 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica e Cultura) - Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/24330> Acessado em 10 de agosto de 2022.

STERNBERG, Robert J. A triangular theory of love. **Psychological review**, v. 93, n. 2, p. 119, 1986. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/1986-21992-001> Acessado em 15 de janeiro de 2022.

WÄLIVAARA, Josefine; LJUSLINDER, Karin. (Im) Possible Lives and Love: Disability and Crip Temporality in Swedish Cinema. **Scandinavian Journal of Disability Research**, v. 22, n. 1, p. 80-87, 2020. Disponível em: <https://www.diva-portal.org/smash/record.jsf?pid=diva2%3A1422099&dswid=-5145>

**AMOR E SATISFAÇÃO COM O RELACIONAMENTO AMOROSO DE PESSOAS
COM DEFICIÊNCIA: ANÁLISE QUANTITATIVA A PARTIR DA TEORIA
TRIANGULAR DO AMOR DE STERNBERG**

Marina Camargo Barth
Leiza Kronbauer Toledo Medeiros
Daniela Centenaro Levandowski

Artigo empírico a ser submetido ao periódico Paidéia
(Qualis A1, Área: Psicologia)

AMOR E SATISFAÇÃO COM O RELACIONAMENTO AMOROSO ENTRE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA FÍSICA OU SENSORIAL: ANÁLISE QUANTITATIVA A PARTIR DA TEORIA TRIANGULAR DO AMOR DE STERNBERG

RESUMO

A vida amorosa das pessoas com deficiência (PCD) ainda é um tema rodeado de estigmas e ainda pouco explorado na literatura. Este estudo objetivou investigar os elementos do amor e a satisfação com a relação amorosa entre PCD física ou sensorial e averiguar diferenças nesses elementos conforme os tipos de deficiência e características sociodemográficas. Deste estudo quantitativo, transversal e correlacional participaram 135 PCD. Elas responderam de modo *online* um questionário de dados sociodemográficos, a Escala Triangular do Amor de Sternberg e a Escala do Nível de Satisfação com o Relacionamento Amoroso. Independentemente do tipo de deficiência, os elementos do amor e a satisfação amorosa alcançaram bons índices. Homens apresentaram maior satisfação amorosa, assim como PCD múltipla e com menor escolaridade. Não foram encontradas associações significativas entre elementos do amor e satisfação amorosa e orientação sexual, duração do relacionamento, quantidade de filhos e idade do início da vida sexual. Constatou-se a relevância da relação amorosa para PCD e a necessidade de estudos quantitativos com essa população para contribuir com a quebra de estigmas socialmente associados a esse tema.

Palavras chave: deficiência; amor; satisfação amorosa; relação amorosa.

LOVE AND SATISFACTION WITH LOVE RELATIONSHIP BETWEEN PEOPLE WITH PHYSICAL OR SENSORY DISABILITY: QUANTITATIVE ANALYSIS FROM STERNBERG'S TRIANGULAR THEORY OF LOVE

ABSTRACT

The romantic life of people with disabilities (PWD) is still a topic surrounded by stigma and underexplored in the literature. This study aimed to investigate the elements of love and satisfaction with the romantic relationship between people with physical or sensory disabilities and to ascertain differences in these elements according to types of disability and socio-demographic characteristics. In this quantitative, cross-sectional and correlational study, 135 people with disabilities answered an online sociodemographic data questionnaire, the Sternberg Triangular Love Scale and the Love Relationship Satisfaction Level Scale. Regardless of the type of disability, the elements of love and love satisfaction achieved good rates. Men showed greater love satisfaction, as did multiple disabled people and those with less schooling. No significant associations were found between elements of love, love satisfaction and sexual orientation, length of relationship, number of children and age at first sexual intercourse. The relevance of romantic relationships for PWD was noted, as well as the need for quantitative studies with this population to help break down the stigmas socially associated with this issue.

Key words: disability; love; love satisfaction; love relationship.

AMOR Y SATISFACCIÓN EN LA RELACIÓN AMOROSA ENTRE PERSONAS CON DISCAPACIDAD FÍSICA O SENSORIAL: ANÁLISIS CUANTITATIVO DE LA TEORÍA TRIANGULAR DEL AMOR DE STERNBERG

RESUMEN

La vida amorosa de las personas con discapacidad (PCD) sigue siendo un tema rodeado de estigma y poco explorado en la literatura. El objetivo de este estudio fue investigar los elementos del amor y la satisfacción con la relación amorosa entre personas con discapacidad física o sensorial y determinar las diferencias en estos

elementos según los tipos de discapacidad y las características sociodemográficas. En este estudio cuantitativo, transversal y correlacional participaron 135 PCD. Ellas rellenaron un cuestionario *online* con datos sociodemográficos, la Escala Triangular de Amor de Sternberg y la Escala de Satisfacción con la Relación Amorosa. Independientemente del tipo de discapacidad, los elementos del amor y la satisfacción amorosa obtuvieron buenas puntuaciones. Los hombres presentaron una mayor satisfacción amorosa, al igual que las PCD múltiples y con menor nivel de estudios. No se encontraron asociaciones significativas entre los elementos del amor y la satisfacción amorosa y la orientación sexual, la duración de la relación, el número de hijos y la edad de la primera relación sexual. Se señaló la relevancia de las relaciones amorosas para las PCD, así como la necesidad de realizar estudios cuantitativos con esta población para ayudar a romper los estigmas socialmente asociados a este tema. Palabras clave: discapacidad; amar; satisfacción amorosa; relación amorosa.

INTRODUÇÃO

De acordo com a última Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2022, estima-se que existam 18,6 milhões de brasileiros com algum tipo de deficiência no país, o que representa 8,9% da população (Brasil, 2023). A Lei Brasileira de Inclusão (LBI) define as Pessoas Com Deficiência (PCD) como aquelas que possuem alguma característica a longo prazo “de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas” (Brasil, 2015). Essa definição está em consonância com o postulado pelo Modelo Social da Deficiência na década de 1960. De acordo com este modelo, a deficiência é concebida como uma questão social e não individual. Considera-se o meio no qual a pessoa está inserida como atravessador da vivência da deficiência, o que retira o caráter negativo e a necessidade de correção dessa condição, reivindicada por antigos paradigmas, além de trazer uma consciência coletiva para o entendimento desse aspecto (Sampaio & Ferreira, 2019).

Dada essa definição, destaca-se que as PCD possuem características únicas, como qualquer outra pessoa, que manifestam suas particularidades e singularidades em prol da sua dignidade, lutando constantemente por autonomia, independência e inclusão social, sendo a deficiência apenas mais uma característica da condição humana (Sampaio & Ferreira, 2019). Ainda assim, esse público tem sido alvo de pensamentos e atitudes preconceituosas, tal como acontece com outros segmentos minoritários da sociedade (Costa, 2018).

É importante salientar que o modo como uma sociedade encara a deficiência reflete diretamente nas interações sociais. Em relação às PCD, o capacitismo atravessa a vida dessas pessoas, estando enraizado em crenças relacionadas a sua (in)capacidade. De fato, essa concepção social “lê as pessoas com deficiência como

não iguais, menos aptas e não capazes para gerir as próprias vidas” (Dias, 2013, p.02).

O capacitismo é baseado em padrões de normalidade estabelecidos socialmente, o que cria estigmas em relação a PCD não apenas relativos às suas habilidades e capacidades em geral, mas também quanto às suas habilidades e capacidades interpessoais. Tal estigma se reflete, portanto, também nos relacionamentos afetivos e sexuais estabelecidos pelas PCD (Maia & Ribeiro, 2010). Nesse sentido, historicamente a sexualidade das PCD tem sido considerada um tabu (Oliveira, 2016), um aspecto da vida marcado pela sociedade como “anormal”.

Nesse âmbito, para além desses preconceitos e estigmas, questões de gênero também podem ser identificadas. É comum homens com deficiência sofrerem com perguntas preconceituosas sobre o exercício da sua sexualidade, sobretudo em relação à ereção, desejo e satisfação sexual (Santos et al., 2015). Em contrapartida, mulheres com deficiência vivenciam outras barreiras cruzadas ao gênero, que associam o capacitismo ao machismo, visto que são mais vulneráveis a sofrer abusos sexuais, por exemplo, não sendo consideradas como seres dignos de respeito e amor. Além disso, há a crença de que, em função da deficiência, não pedirão ajuda ou denunciarão a violência sofrida (Gartrell, Baesel, & Baker, 2017; Llarío, Mengual, Arnal, & Rodriguez, 2017).

Contrariando esse panorama negativo, estudos tem mostrado que as PCD se relacionam amorosamente e se sentem capazes de estabelecer relacionamentos tanto com PCD como sem deficiência (Caetano, Manhães, Sales, Santana, & Azevedo, 2019; Chappell, 2014; Gomes, 2014; Medeiros, 2016). Tem sido observado que a deficiência não interfere na concepção do amor e nas expectativas frente aos relacionamentos amorosos (Chappell, 2014). Ademais, existem indícios de que esse público se encontra sexualmente satisfeito nas suas relações amorosas, ainda que assumam eventuais impactos da deficiência no exercício da sexualidade (Oliveira, 2021).

Recentemente tem-se observado um aumento considerável de estudos sobre o assunto (Carvalho & Silva, 2019), ainda que exista uma predominância de estudos qualitativos, com foco específico na sexualidade (e não nas características do relacionamento amoroso) e sem especificação ou comparação entre pessoas com diferentes tipos de deficiência. Essa literatura tem indicado a sexualidade como um aspecto muito importante na vida das PCD, que desenvolvem suas características e relações sexuais como as pessoas sem deficiência (Garcia, 2012; Souza, Denari, & Costa, 2017). Ainda, evidencia-se que a escassez de informações sobre sexualidade oferecidas para essas pessoas decorre de aspectos como preconceito e estigmas

(Bezerra & Pagliuca, 2009; Carvalho & Silva, 2018; Cozac, Pereira, & Castro, 2016; Maia & Ribeiro, 2009; Morales & Batista, 2010; Moura & Pedro, 2006; Souza et al., 2017) mais do que por incapacidade das mesmas para buscar ou compreender tais informações.

Especificamente sobre o amor, estudos com esse público são escassos e em geral qualitativos (Caetano et. al., 2019; Chappell, 2014; Emidio & Silva, 2021; Pereira, 2021). Pesquisas internacionais têm investigado as suas percepções sobre as experiências amorosas, destacando as opiniões e vivências positivas acerca do relacionar-se amorosamente, com descrições sobre o amor como uma emoção boa, intensa, abrangendo atitudes e tomada de decisões em prol da pessoa amada e apego a ela (Chappell, 2014; Mattila, Maataa, & Uusiautti, 2017; Schnellert & Tidey, 2021). Os estudos também relacionam o amor a outros sentimentos positivos, como bondade e compaixão, culminando no bem-estar das PCD (Mattila et al., 2017). Ainda, tem-se encontrado que esse público desassocia a deficiência da vivência amorosa, por compreenderem que a deficiência não possui um papel definidor sobre o seu entendimento do amor. Ademais, consideram-se capazes de desenvolver o amor e relacionar-se amorosamente com outras pessoas, independentemente da deficiência (Chappel, 2014).

Em contrapartida a essas percepções positivas, estudos sobre o amor entre PCD também têm demonstrado que esse público relaciona o amor ao controle dos seus corpos, uma vez que relatos de esterilizações forçadas são frequentes. Ademais, o público de PCD não tem sido considerado como apto a dar amor, apenas a receber amor, reforçando a ideia de incapacidade (Ignagni, Schormans, Liddiard, & Runswick-Cole, 2016).

Já entre pessoas sem deficiência, o amor tem sido amplamente investigado de forma quantitativa (Freitas, 2020; Hernandez & Baylão, 2020; Hernandez, Costa, Ribeiro, Areias, & Santos, 2015; Karwowski-Marques, 2008; Silva, 2015), destacando-se o embasamento da Teoria Triangular do Amor (Sternberg, 1986). Esta teoria postula três elementos básicos para o constructo, como vértices de um triângulo, sendo eles: Compromisso/decisão, que se refere à presença de amor em uma relação e o compromisso de mantê-lo ao longo do tempo; Intimidade, que diz respeito à proximidade e aos laços emocionais; e Paixão, que reflete a sexualidade, atração carnal e excitação em uma relação (Cassepp-Borges, 2010). Ainda que extensamente difundida entre o público sem deficiência, não foram localizados estudos com o público PCD com base nessa perspectiva.

A satisfação com o relacionamento amoroso é um aspecto da relação que pode atravessar e sofrer influência dos componentes do amor, já que pressupõe a

avaliação a respeito das expectativas e recompensas obtidas na relação (Londero-Santos, Natividade, & Féres-Carneiro, 2021; Lopes, 2012). Estudos sobre a satisfação amorosa de PCD ainda são raros, tanto no contexto nacional quanto internacional. De todo modo, essa escassa literatura tem apontado que PCD apresentam bom nível de satisfação com a relação amorosa (Gomes, 2014; Menezes, 2008). Alguns achados indicaram maior satisfação com a relação amorosa antes da deficiência entre as pessoas que adquiriram a deficiência ao longo da vida. Esse dado pode estar associado à associação significativa entre satisfação com o relacionamento amoroso e auto-estima, visto que a insatisfação corporal foi associada a índices menores de satisfação amorosa entre PCD. Ainda, homens apresentam índices mais elevados de satisfação com o relacionamento em comparação às mulheres com deficiência (Menezes, 2008).

Este estudo objetivou investigar os elementos do amor e a satisfação com o relacionamento amoroso de PCD física ou sensorial de diferentes regiões do Brasil. Ademais, buscou averiguar eventuais diferenças em relação aos elementos do amor e à satisfação com o relacionamento amoroso entre pessoas com diferentes tipos de deficiência e características sociodemográficas. O estudo avança em relação à literatura em função do delineamento adotado, visto que a maior parte dos estudos empíricos com PCD é qualitativa. Ainda, pela natureza correlacional do estudo, que permite a comparação da vivência amorosa entre pessoas com diferentes tipos de deficiência, para conhecer eventuais particularidades desses grupos. Pesquisas dessa natureza são necessárias para gerar informações mais amplas sobre as vivências amorosas de PCD, visando contribuir para a sua qualidade de vida e ampliar a sua inclusão social.

Com base na literatura consultada, foram construídas as seguintes hipóteses: a) será encontrada associação significativa entre sexo masculino e escores mais elevados em todos os componentes do amor e na satisfação amorosa, independentemente do tipo de deficiência; b) PCD que mantêm relacionamentos mais longos apresentarão maiores escores no componente intimidade; c) haverá associação negativa significativa entre idade e escores do componente paixão; e d) haverá associação positiva significativa entre satisfação com o relacionamento amoroso e escores dos componentes do amor.

MÉTODO

Delineamento

Trata-se de um estudo quantitativo, transversal, de cunho descritivo e correlacional (Creswell, 2010), em que foi feito o mapeamento dos componentes do

amor e da satisfação com o relacionamento amoroso entre PCD a partir da aplicação de instrumentos quantitativos, e posterior busca de associação entre esses escores e variáveis sócio-demográficas.

Participantes

Foram convidadas a participar desse estudo pessoas de 18 anos ou mais de idade, que declararam possuir alguma deficiência física ou sensorial, e que consideraram ter um relacionamento amoroso há pelo menos seis meses quando da participação no estudo. Essas pessoas foram selecionadas de forma não-aleatória, por conveniência, a partir da divulgação do estudo em redes sociais, em instituições que prestam atendimento a PCD em diferentes estados brasileiros e entre a rede de contatos da equipe de pesquisa. Foram considerados como critérios de exclusão nunca ter tido um relacionamento amoroso e impossibilidade de participar da coleta de dados de forma *online*. Além disso, optou-se por não convidar para participar do estudo pessoas apenas com deficiência intelectual por entender que os questionários do estudo, por se apresentarem de maneira fechada, não possuem linguagem fácil e acessível para esse público. Assim, optou-se pela inclusão de PCD física e sensorial, pois a acessibilidade necessária para essas pessoas pode ser facilmente adotada através dos recursos de tecnologia.

Antes da coleta de dados, foi feito o cálculo amostral, que indicou um tamanho amostral de 131 sujeitos para estimar a média de satisfação com o relacionamento, com desvio padrão de 2,02 pontos (Londero-Santos et al., 2021) e a média nos três componentes do amor variando de 6.8 a 7.0, considerando os índices encontrados por Gouveia, Fonseca, Cavalcanti, Diniz e Dória (2009): Compromisso: média = 6,8, desvio-padrão = 1,94; Paixão: média = 6,9, desvio-padrão= 1,81; e Intimidade: média = 7,0, desvio-padrão = 1,73. Foram adotados margem de erro de 0,35 pontos e nível de confiança de 95%.

Instrumentos

3.3.1. Questionário de Dados Sociodemográficos: elaborado pelas pesquisadoras para caracterizar a amostra, contendo informações como idade, escolaridade, tipo de deficiência, ocupação, cidade de residência, entre outros. Dentro desse questionário inicial, foram incluídos itens (adaptados pelas autoras) da Classificação Internacional de Funcionalidade (CIF), um instrumento breve para avaliar o Impacto da Deficiência (IDEF) na vida dos participantes. Estes itens descrevem algumas atividades da vida diária. O participante deve marcar em uma escala tipo likert de cinco pontos o seu grau de dificuldade para realizar a atividade, variando de 0 (nenhuma dificuldade) a 4 (dificuldade completa) (Apêndice A).

3.3.2. Versão Brasileira da Escala Triangular do Amor de Sternberg - ETAS (Cassep-Borges & Teodoro, 2007): objetivou investigar os elementos básicos do amor - Compromisso/Decisão, Intimidade e Paixão - nos relacionamentos afetivos. O instrumento possui 45 itens, sendo 15 para avaliar cada um dos elementos. Cada item é avaliado em uma escala tipo *Likert*, na qual o ponto 1 representa “nada”, o 5 “moderadamente” e o 9 “extremamente”. Não existem rótulos para os pontos intermediários aos indicados. Para cada afirmativa, existe um espaço em branco que deve ser preenchido com o nome da pessoa amada. O escore dos componentes é calculado a partir da média dos itens e o escore total do amor é medido através das médias dos componentes, sendo que, quanto maior o escore, maior será o desenvolvimento dos componentes e do amor total. O valor de Alpha da escala total foi de 0,977 no estudo de validação (Cassep-Borges & Teodoro, 2007), o que indica que a ETAS possui uma consistência interna muito satisfatória. Neste mesmo estudo, todos os valores de alpha foram superiores a 0,90 nos três elementos (α Intimidade = 0,91, α Paixão = 0,94, α Compromisso/Decisão = 0,94, α total = 0,97) (Anexo A).

3.3.3. Versão Brasileira da Escala do Nível de Satisfação com o Relacionamento Amoroso (versão revisada) - ENSRA-R (Londero-Santos et al., 2021): avalia a satisfação com o relacionamento amoroso a partir de cinco itens, em formato de afirmativas, que devem ser respondidas em uma escala likert de nove pontos, variando desde 0 (Discordo completamente) a 8 (Concordo completamente). O levantamento dos escores dessa escala é realizado através da média dos itens 6, 7, 8, 9 e 10. Quanto maiores os escores, maior a satisfação com o relacionamento amoroso. Na versão original (Rusbult, Martz, & Agnew, 1998), a escala apresentou coeficiente alpha de 0,95. Na versão revisada, criada para aumentar a precisão do teste nos níveis mais elevados de satisfação com o relacionamento, o valor do coeficiente alpha foi de 0,91 (Anexo B).

Procedimentos de Coleta de Dados

Após a aprovação pelo Comitê de Ética da UFCSPA, o estudo foi divulgado de forma *online* nas redes sociais das autoras, dos demais integrantes do NEEDS UFCSPA, e em mais de 50 grupos de PCD e instituições que atendem PCD no Brasil. Para além do card de divulgação da pesquisa, a primeira autora gravou também um breve vídeo (com acessibilidade em LIBRAS e legendas) para a divulgação do estudo a potenciais participantes nas redes sociais. Com o impulsionamento pago na plataforma *Instagram* e os compartilhamentos, esse material alcançou mais de 90 mil visualizações, o que não se refletiu em número de respondentes.

Paralelamente a essa extensa divulgação *online* da pesquisa, foi realizada, pela equipe do estudo, a divulgação impressa através de panfletos físicos com QR

Code para acesso direto ao questionário. Estes panfletos foram distribuídos pessoalmente tanto em ruas e espaços públicos quanto em instituições que atendem PCD. Foi feito um grande levantamento, a nível nacional, dessas organizações. Nas instituições localizadas em Porto Alegre foram feitas visitas aos locais, momentos importantes para se atingir diretamente um grande número de pessoas para o convite. Já nas instituições situadas fora da cidade de Porto Alegre, foi solicitada a divulgação virtual.

Os interessados podiam acessar o *link* disponibilizado no material de divulgação impresso (Apêndice B) ou *online* (Apêndice C) para tomarem conhecimento dos critérios de inclusão do estudo, bem como para acessarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice D). Após a leitura e a marcação do aceite no Termo, o participante era direcionado para um formulário *online* na plataforma *SurveyMonkey*, que apresentava o questionário de dados sociodemográficos e as escalas na ordem mencionada acima. A média de tempo para os participantes responderem aos instrumentos era de aproximadamente 10 minutos.

Antes da coleta de dados, foi realizada uma coleta piloto com três PCD, a fim de avaliar se a forma prevista para a aplicação dos instrumentos estava adequada e acessível para os respondentes e se os instrumentos eram de fácil compreensão. Participaram dessa etapa duas mulheres (deficiência física e visual) e um homem (deficiência física). Os poucos ajustes sugeridos pelos participantes, como a necessidade de resolução de um problema técnico no questionário, foram implementados antes da coleta propriamente dita.

Procedimentos de Análise de Dados

As escalas aplicadas foram levantadas conforme as instruções dos autores. Todos os dados quantitativos e sociodemográficos foram digitalizados duplamente em planilha no software *Excel* e analisados posteriormente a partir de estatística descritiva e correlacional, com o *software R*, a fim de caracterizar a amostra e verificar associações entre dados sociodemográficos, elementos do amor e satisfação com a relação amorosa, bem como realizar comparações entre grupos conforme o tipo de deficiência (sensorial ou física). A normalidade das variáveis foi verificada pelo teste estatístico Kolmogorov–Smirnov (teste K-S). Foram aplicados os testes Qui-quadrado com auxílio dos resíduos padronizados ajustados, Mann-Whitney, Kruskal-Wallis com correção de Bonferroni e coeficiente de correlação de Spearman. Os valores de $p < 0,05$ foram considerados estatisticamente significativos. As análises foram realizadas no software estatístico SPSS (IBM SPSS Statistics for Windows, Version 25.0. Armonk, NY: IBM Corp.).

Considerações Éticas

O estudo recebeu aprovação ética do Comitê de Ética em Pesquisa da instituição de ensino em que foi realizada a pesquisa. . Na condução de todas as etapas da pesquisa foram seguidas as diretrizes das Resoluções 510/2016 e 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, bem como do Ofício Circular Nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS (Ministério da Saúde, 2021) para pesquisas em ambiente virtual.

A coleta de dados foi iniciada apenas após a aprovação ética do estudo. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi apresentado de forma *online*. Os participantes assinalaram, de forma *online*, o aceite da participação no estudo neste Termo, e uma via do TCLE foi enviada por e-mail para todos os participantes após esse assinalamento.

Considera-se que os participantes tiveram como benefícios diretos da participação no estudo a oportunidade de refletir sobre sua relação amorosa. O estudo apresentou risco mínimo, oriundo apenas da possibilidade de os participantes se mobilizarem emocionalmente ao responderem questões sobre essa esfera íntima de suas vidas, que, em alguns casos, poderia despertar lembranças e vivências negativas. De todo modo, os participantes podiam interromper a sua participação sem qualquer tipo de prejuízo, já que nenhuma questão do formulário era de preenchimento obrigatório.

Para compensar esse eventual risco mínimo, após a participação no estudo, os participantes receberam por e-mail um material elaborado pelas pesquisadoras (cartilha) com conteúdo informativo sobre as relações amorosas e a saúde conjugal, como forma de agradecimento e psicoeducação aos respondentes. No intuito de informar e orientar a respeito de relacionamentos amorosos saudáveis, foi utilizada linguagem acessível e fornecidos exemplos para ilustrar os conceitos abordados. Dentre os temas, figuram os elementos do amor, comunicação não violenta e as cinco linguagens do amor. Também foram fornecidos contatos da equipe de pesquisa, caso algum participante sentisse a necessidade de maior suporte (Apêndice E). A cartilha, após registro e depósito no site da UFCSPA, será enviada para todas as instituições contatadas.

Apesar de a pesquisa ser realizada de forma *online*, o que pode implicar riscos em relação à segurança das informações, a equipe utilizou uma plataforma digital (*SurveyMonkey*) que tem se mostrado segura para estudos dessa natureza. Além disso, contou-se com acessibilidade digital e de comunicação no formulário de coleta de dados. A plataforma que abrigou o formulário *online* possuía compatibilidade com leitores de tela, permitindo o acesso de PCD visual. Essa ferramenta era acionada pelo próprio participante em local indicado na plataforma. Ademais, o Núcleo de Apoio

à Pesquisa (NUPESQ) da UFCSPA, através da Assessoria Especial de Comunicação Social (ASCOM), possibilitou a adaptação de todo o conteúdo do formulário para a LIBRAS, permitindo a acessibilidade do material também para PCD auditiva. Essa ferramenta podia ser facilmente acionada pelos respondentes através de um ícone que representa o sinal da LIBRAS. Ao clicar no ícone, o participante era direcionado para o vídeo da intérprete sinalizando a pergunta.

Por fim, a participação no estudo não envolveu qualquer custo ou remuneração financeira. Todo o material está arquivado em local seguro, em um dispositivo *off-line* (HD externo) específico, armazenado em uma sala nas dependências da UFCSPA, com acesso restrito. Cabe destacar que a identidade dos participantes foi preservada em todas as etapas do estudo e também o será nas publicações dele derivadas.

RESULTADOS

Ao todo, acessaram o questionário e aceitaram participar da pesquisa *online* 277 pessoas. Dessas, 142 foram excluídas por não cumprirem algum dos critérios de inclusão (não apresentar idade igual ou superior a 18 anos, não se considerar PCD, não residir no Brasil ou não estar envolvida em um relacionamento amoroso). Assim, o número total de participantes foi de 135.

A Tabela 1 descreve os dados sociodemográficos dos respondentes. A maioria dos participantes era do gênero feminino (68,9%), declarou ter uma religião específica (77,8%), predominando a cristã (68,1%), e um trabalho formal (68,9%), com renda familiar de até quatro salários mínimos (57,1%). Não foi observada diferença significativa entre PCD com diferentes tipos de deficiência em relação a gênero, religião, trabalho e renda familiar.

Sobre o tipo de deficiência da amostra, a maioria apresentou deficiência física (59,3%), seguida de deficiência visual (17,8%) e auditiva (8,9%). Esses dois tipos foram agrupados, totalizando 26,1% de pessoas com algum tipo de deficiência sensorial. Além disso, 14,1% declarou possuir mais de um tipo de deficiência (deficiência múltipla). A média de idade foi de 40,1 ($\pm 12,1$) anos, sendo que o grupo de PCD múltipla era significativamente mais novo ($p=0,019$). A amostra foi composta por pessoas de quatro regiões do Brasil (Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul), sendo a região mais representada a Sudeste (40%), seguida da Sul (36,3%). Houve diferenças quanto ao tipo de deficiência conforme a região do Brasil. Enquanto na região Sul mais participantes referiram deficiência sensorial (61,1%), no Sudeste mais mencionaram deficiência múltipla (63,2%) e, no Nordeste, deficiência física (18,8%) ($p=0,003$).

Em relação à etnia, a maior parte da amostra foi composta por pessoas autodeclaradas brancas (66,7%). Quando avaliados os tipos de deficiência, PCD múltipla declararam-se mais como sendo não brancas (57,9%) ($p=0,028$). Além disso, a maioria das pessoas que participou da pesquisa possui ensino superior ou pós-graduação (64,4%). Quando a escolaridade foi analisada conforme os tipos de deficiência, constatou-se que PCD sensorial (52,8%) ou múltipla (68,4%) ($p=0,000$) apresentaram mais frequentemente nível de escolaridade fundamental ou médio/técnico.

Tabela 1

Dados sociodemográficos dos participantes do estudo, conforme o tipo de deficiência.

	TIPO DE DEFICIÊNCIA				p-valor
	Total N = 135	Física N = 80 (59,3%)	Sensorial N = 36 (26,7%)	Múltipla N = 19 (14,1%)	
IDADE (anos)	40.1 ± 12.1	40.6 ± 11.3	42.6 ± 14.1	33.2 ± 8.3	0,019
GÊNERO (N, %)					
Feminino	93 (68,9)	57 (71,3)	23 (63,9)	13 (68,4)	0,730
Masculino	42 (31,1)	23 (28,8)	13 (36,1)	6 (31,6)	
REGIÃO DO PAÍS					
Sul	49 (36,3)	22 (27,5)	22 (61,1)	5 (26,3)	0,003
Sudeste	54 (40,0)	32 (40,0)	10 (27,8)	12 (63,2)	
Centro-Oeste	14 (10,4)	11 (13,8)	1 (2,8)	2 (10,5)	
Nordeste	18 (13,3)	15 (18,8)	3 (8,3)	-	
ETNIA					
Branca	80 (66,7)	54 (67,5)	28 (77,8)	8 (42,1)	0,028
Não Branca	45 (33,3)	26 (32,5)	8 (22,2)	11 (57,9)	
RELIGIÃO					
Sim	105 (77,8)	62 (77,5)	25 (69,4)	18 (94,7)	0,100
Sem especificação	30 (22,2)	18 (22,5)	11 (30,6)	1 (5,3)	
ESCOLARIDADE					
Nível Fundamental ou Médio/Técnico	48 (35,6)	16 (20,0)	19 (52,8)	13 (68,4)	0,000
Nível Superior ou Pós-Graduação	87 (64,4)	64 (80,0)	17 (47,2)	6 (31,6)	
TRABALHO					
Sim	93 (68,9)	58 (72,5)	22 (61,1)	13 (68,4)	0,471
Não	42 (31,1)	22 (27,5)	14 (38,9)	6 (31,6)	
RENDA FAMILIAR					
Até 1 SM	24 (17,8)	12 (15,0)	8 (22,2)	4 (21,1)	0,069
De 1 a 4 SM	53 (39,3)	25 (31,3)	18 (50,0)	10 (52,6)	
De 4 a 10 SM	37 (27,4)	27 (33,8)	5 (13,9)	5 (26,3)	
Acima de 10 SM	21 (15,6)	16 (20,0)	5 (13,9)	-	

*Dados expressos em frequência absoluta (%), exceto a variável Idade, expressa em média ± desvio padrão.

Legenda: SM: Salário mínimo. Deficiência sensorial: Deficiência auditiva ou visual. p-valor em negrito: indica significância estatística

Em relação à vida amorosa (Tabela 2), verificou-se que a maioria dos participantes referiu orientação heterossexual (87,3%), envolvimento em um relacionamento amoroso de no máximo 10 anos de duração (69,7%) e parceiro(a) sem deficiência (65,2%), com média de idade de 40,9 anos. As PCD física se relacionavam mais com parceiros(as) sem deficiência (73,9%) ($p=0,042$), quando comparadas com os demais participantes, enquanto que PCD múltipla se relacionavam com parceiros(as) mais jovens quando comparadas com PCD sensorial ou física ($p=0,036$).

Sobre o estado civil, a maioria declarou-se casada (45,9%) e/ou divorciada (com relacionamento amoroso atual sem vínculo legal: 45,9%). Além disso, 55,6% da amostra mencionou ter ao menos um(a) filho(a). A média de idade do início da vida sexual foi de 18,8 anos e a maioria declarou ter relações sexuais pelo menos uma vez na semana atualmente (63,7%).

Tabela 2

Características da vida amorosa dos participantes, conforme o tipo de deficiência.

	TIPO DE DEFICIÊNCIA				p-valor
	Total N = 135	Física N = 80 (59,3%)	Sensorial N = 36 (26,7%)	Múltipla N = 19 (14,1%)	
IDADE DE INÍCIO DA VIDA SEXUAL (anos)	18,8 ± 4,8	19,2 ± 5,3	18,4 ± 3,8	17,4 ± 3,7	0,622
ORIENTAÇÃO SEXUAL					
Heterossexual	117 (87,3)	69 (87,3)	33 (91,7)	15 (78,9)	0,403
Outra	17 (12,7)	10 (12,7)	3 (8,3)	4 (21,0)	

ESTADO CIVIL

Solteiro(a)	62 (45,9)	34 (42,5)	18 (50,0)	10 (52,6)	0,429
Casado(a)/União Estável)	62 (45,9)	41 (51,3)	13 (36,1)	8 (42,1)	
Viúvo(a)/Divorciado(a)	11 (8,1)	5 (6,3)	5 (13,9)	1 (5,3)	

TEMPO DE RELACIONAMENTO (anos)

De 0,5 a 2	36 (26,7)	19 (23,8)	11 (30,6)	6 (31,6)	0,959
De 2 a 5	32 (23,7)	19 (23,8)	9 (25,0)	4 (21,1)	
De 5 a 10	26 (19,3)	15 (18,8)	7 (19,4)	4 (21,1)	
Mais que 10	41 (30,4)	27 (33,8)	9 (25,0)	5 (26,3)	

FILHOS

Sim	60 (44,4)	37 (46,3)	18 (50,0)	5 (26,3)	0,214
Não	75 (55,6)	43 (53,8)	18 (50,0)	14 (73,7)	

FREQUÊNCIA DE RELAÇÃO SEXUAL

Mais de 1x/semana	53 (39,3)	32 (40,0)	16 (44,4)	5 (26,3)	0,364
1x/semana	33 (24,4)	21 (26,3)	7 (19,4)	5 (26,3)	
1x/mês	26 (19,3)	17 (21,3)	5 (13,9)	4 (21,1)	
1x/6 meses	7 (5,2)	4 (5,0)	3 (8,3)	-	
Não costuma ter relação	16 (11,9)	6 (7,5)	5 (13,9)	5 (26,3)	

PARCEIRO(A) ATUAL TEM DEFICIÊNCIA?

Sim	47 (34,8)	21 (26,3)	17 (47,2)	9 (47,4)	0,042
Não	88 (65,2)	59 (73,9)	19 (52,8)	10 (52,6)	

IDADE DO(A) PARCEIRO(A) ATUAL	40,9	41,2	44,1	32,6	0,036
--	------	------	------	------	--------------

(anos)	± 14,1	± 12,9	± 16,9	± 10,1
--------	--------	--------	--------	--------

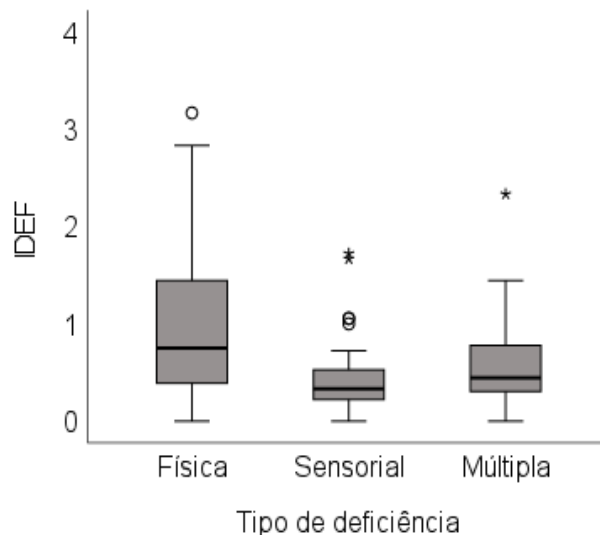
Nota: Dados expressos em frequência absoluta (%), exceto as variáveis Idade, expressas em média ± desvio padrão.

Legenda: SM: Salário Mínimo. Deficiência Sensorial: Deficiência auditiva ou visual. p-valor em negrito: Indica significância estatística.

Especificamente em relação ao impacto da deficiência na vida dos respondentes, avaliado pela CIF, verifica-se, na Figura 1, que a maioria declarou pouca dificuldade na realização de atividades de vida diária, ainda que tenha se constatado diferença significativa ($p = 0,000$) entre os tipos de deficiência, com os maiores escores sendo encontrados entre PCD física (0,8 em contraste com 0,3 entre PCD sensorial e 0,4 entre aquelas com deficiências múltiplas). Em uma análise geral, constatou-se que os participantes apresentaram baixos níveis de dificuldade grave e completa (<10%) em todas as atividades avaliadas no instrumento. A maioria dos participantes relatou não possuir dificuldade na execução de algumas atividades específicas, tais como cuidados com a parte do corpo (74,8%), cuidados com a saúde (77,6%), vestir-se (88,1%), beber (81,5%) e realizar transações econômicas (71,9%).

Figura 1

Gráfico whisker-plot do Impacto da Deficiência (IDEF) em relação aos tipos de deficiência



No que tange à pontuação nas demais escalas (Tabela 3), constatou-se, através do teste K-S, que os escores não apresentaram distribuição paramétrica (normal). Assim, são descritos como mediana e intervalo interquartil.

Tabela 3

Resultados dos participantes referentes aos elementos do amor e à satisfação com o relacionamento amoroso, conforme o tipo de deficiência.

	TIPO DE DEFICIÊNCIA				p-valor
	Total N = 135	Física N = 80	Sensorial N = 36	Múltipla N = 19	
ETAS - Elementos do Amor					
COMPROMISSO	8,0 [7,1; 8,8]	8,0 [6,9; 8,5]	7,9 [7,1; 8,6]	8,8 [7,9; 9,0]	0,054
INTIMIDADE	8,2 [7,3; 8,7]	8,1 [7,3; 8,6]	8,2 [7,5; 8,7]	8,5 [7,2; 9,0]	0,361
PAIXÃO	7,1 [5,9; 7,9]	7,0 [5,9; 7,7]	7,3 [5,7; 8,0]	7,7 [6,9; 8,3]	0,183
AMOR TOTAL	7,8 [6,9; 8,4]	7,7 [6,9; 8,2]	7,7 [7,0; 8,3]	8,3 [6,8; 8,8]	0,118
ENSRA-R	6,4 [5,0; 7,2]	6,2 [4,4; 7,0]	6,3 [5,8; 7,4]	7,6 [6,6; 8,0]	0,005

Nota: Dados expressos em mediana e intervalo interquartílico (IQR).

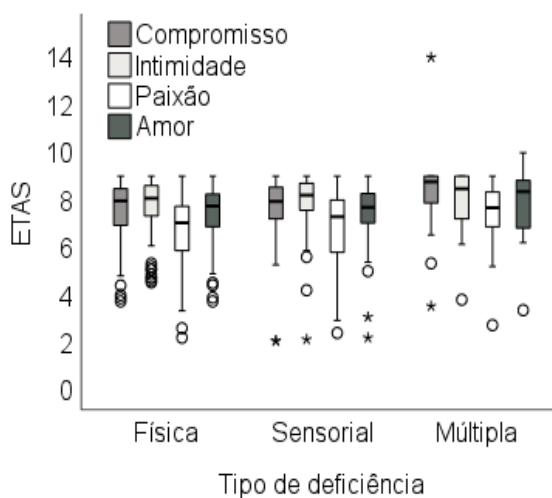
IDEF; Impacto da Deficiência. Deficiência Sensorial: Deficiência auditiva ou visual. ETAS: Escala Triangular do Amor de Sternberg. ENSRA-R: Satisfação com Relacionamento Amoroso.

Considerando os elementos do amor (ETAS) conforme o tipo de deficiência, a mediana dos escores foram semelhantes (Compromisso = 8,0, Intimidade = 8,2, Paixão = 7,1). A mediana do escore total do amor foi de 7,8, não tendo sido observada diferença significativa ($p = 0,118$) conforme os diferentes tipos de deficiência. Esses

resultados são considerados positivos, já que a pontuação máxima de cada elemento do amor e do escore total é de 9 pontos (Figura 2).

Figura 2

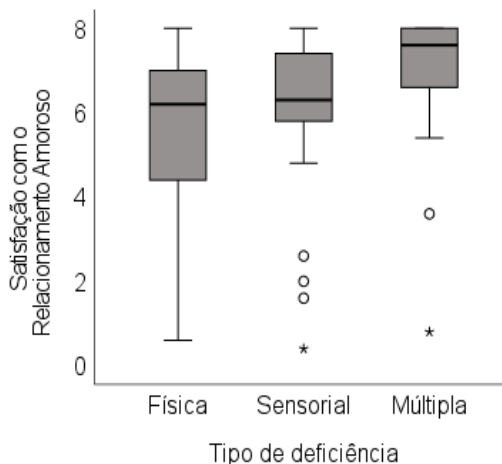
Gráfico whisker-plot dos escores dos componentes da ETAS em relação ao tipo de deficiência.



Sobre a satisfação com o relacionamento amoroso (ESRA-R), a mediana de satisfação foi de 6,4. Como o escore máximo de pontuação é de 08 pontos, considera-se um bom nível de satisfação com o relacionamento amoroso entre os respondentes. Nesse índice, constatou-se diferença significativa entre os tipos de deficiências: PCD múltipla mostraram estar mais satisfeitas com os seus relacionamentos amorosos (mediana: 7,6) em relação às pessoas com apenas um tipo de deficiência (deficiência física: mediana = 6,2 pontos; deficiência sensorial: mediana = 6,3 pontos) ($p = 0,005$) (Figura 3).

Figura 3.

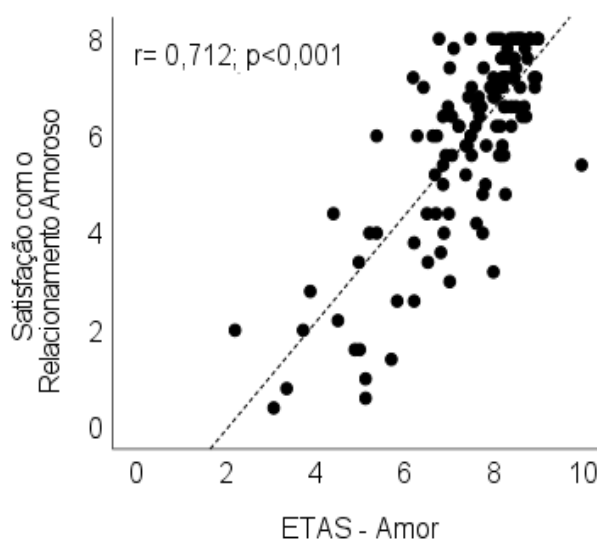
Gráfico whisker-plot dos escores da ENSRA-R em relação ao tipo de deficiência.



Por fim, constatou-se correlações positivas entre os resultados obtidos pelos participantes nos elementos do amor e na satisfação com o relacionamento amoroso ($p = 0,000$ em todos os elementos e no escore total do amor). Quanto maior os escores dos elementos do amor e do amor total, maior a satisfação com o relacionamento amoroso, independentemente do tipo de deficiência (Figura 4).

Figura 4

Gráfico de comparação dos escores da ETAS com os escores da ENSRA-R.



Também foram realizadas análises dos escores de satisfação com o relacionamento e dos elementos do amor conforme a presença de deficiência do(a) parceiro(a) amoroso(a) a partir do teste de *Mann-Whitney*. Não foi constatada diferença significativa entre os dois grupos (PCD em relacionamento com PCD x PCD em relacionamento com pessoas sem deficiência) em nenhum dos elementos do amor (sendo $p = 0,141$ para Compromisso, $p = 0,099$ para Intimidade, $p = 0,141$ para Paixão e $p = 0,076$), tampouco no escore total do amor ($p=0,076$) e na satisfação amorosa ($p = 0,334$). Em ambos os grupos, os participantes obtiveram bons escores nas escalas, sendo as medianas de todos os elementos do amor e do amor total superiores a 7 pontos, da mesma forma que a mediana da ENSRA-R foi igual ou superior a 6,2 pontos, refletindo satisfação com o relacionamento amoroso.

Foi realizada uma comparação dos escores de satisfação com o relacionamento amoroso e dos elementos do amor conforme o tempo de duração do relacionamento, sem considerar os tipos de deficiência. O teste de *Kruskal-Wallis* não revelou diferenças significativas quanto a essa variável, mostrando que o tempo de

relacionamento não interferiu nesses índices ($p = 0,070$ para Compromisso, $p = 0,066$ para Intimidade, $p = 0,284$ para Paixão e $p = 0,092$ para escore total do amor e $p = 0,312$ satisfação amorosa). Independentemente da duração do relacionamento, a amostra apresentou índices elevados em todos os componentes do amor. Em todos os intervalos de tempo analisados, as medianas dos elementos do amor ficaram acima de 6,8 pontos e o escore do amor total, acima de 7,5, denotando altos índices desse constructo. O mesmo aconteceu com o nível de satisfação com o relacionamento amoroso, pois as medianas totais da ENSRA-R foram superiores a 6,0 pontos.

Utilizou-se o teste de *Mann-Whitney* para comparar os escores obtidos na ETAS e na ENSRA-R pelos respondentes conforme a sua orientação sexual, sem considerar os tipos de deficiência. A fim de melhor precisar o cruzamento desses dados, devido ao baixo número de respondentes que não se declararam heterossexuais, agrupou-se os participantes em duas categorias: heterossexuais e outros (incluindo pessoas homossexuais e bissexuais). Foi constatada a ausência de diferenças significativas entre os grupos em relação ao escore total do amor ($p = 0,589$) e à satisfação com o relacionamento amoroso ($p = 0,255?$). Todos os elementos do amor apresentaram pontuação superior a 6,8 nos dois grupos, sendo a mediana do escore de amor total superior a 7,6, indicando bons índices neste quesito. No mesmo sentido, o escore total da ENSRA-R foi igual ou superior a 6,2, sinalizando boa satisfação com o relacionamento amoroso, independentemente da orientação sexual dos participantes.

Outra variável sociodemográfica considerada foi a presença ou não de filhos, analisada em sua associação com a satisfação com a relação amorosa e os elementos do amor através do teste de *Mann-Whitney*. Para tal análise, considerou-se como variável nominal a presença/ausência de filhos, não se discriminando o número de filhos. Os dados não apontaram diferença significativa entre os dois grupos (escore total do amor: $p = 0,230$; satisfação amorosa: $p = 0,076$), sendo que todos os elementos do amor pontuaram acima de 6,8 e a mediana do escore total do amor ficou em 7,7 para os participantes que possuíam filhos e 8 para os que não possuíam, ambos níveis altos. Por fim, na ENSRA-R a pontuação mediana superou os 6 pontos nos dois grupos, também indicando satisfação com a relação amorosa independentemente da presença ou não de filhos.

O teste de *Mann-Whitney* também foi utilizado para comparar as pontuações obtidas na ETAS e na ENSRA-R de acordo com o nível de escolaridade dos respondentes (Tabela 4). Essa análise mostrou que, independentemente do nível de ensino, a amostra obteve pontuações altas em todos os escores do amor, sendo que a mediana foi superior a 7 em todos os elementos. O grupo com menor escolaridade

(Ensino fundamental, médio e técnico) apresentou mediana do escore total do amor de 8 e o grupo com maior escolaridade (Superior e pós-graduação) apresentou mediana de 7,6, não havendo diferença significativa entre os grupos nesse quesito. Em contrapartida, houve diferença significativa na pontuação da ENSRA-R, que se mostrou maior no grupo com menor escolaridade (mediana = 7) em relação ao grupo com maior escolaridade (mediana = 6,2), indicando que PCD com nível de escolaridade menor reportaram maior satisfação em suas relações amorosas ($p = 0,011$).

Tabela 4

Resultados das correlações entre os escores de satisfação com o relacionamento amoroso e dos elementos do amor conforme o nível de escolaridade dos participantes.

	NÍVEL DE ESCOLARIDADE		p-valor
	FUNDAMENTAL, MÉDIO E TÉCNICO	SUPERIOR E PÓS GRADUAÇÃO	
	N = 48	N = 87	
ESCORE COMPROMISSO	8,2 [7,4;9,0]	7,9 [6,9; 8,6]	0,306
ESCORE INTIMIDADE	8,4 [7,3; 8,9]	7,9 [7,4; 8,6]	0,247
ESCORE PAIXÃO	7,4 [5,6; 8,3]	7,0 [5,9; 7,7]	0,164
ESCORE AMOR TOTAL	8,0 [6,8; 8,6]	7,6 [6,8; 8,2]	0,203
ESCORE TOTAL ESRA-R	7,0 [5,8; 8,0]	6,2 [4,6; 7,0]	0,011

Nota: Dados expressos em mediana e intervalo interquartilico (IQR).

Por fim, o teste *Mann-Whitney* foi utilizado para comparar os escores da ETAS e da ENSRA-R de acordo com o gênero dos respondentes, sem considerar o tipo de deficiência (Tabela 5). Também com esse recorte não foi constatada diferença significativa entre os escores do amor (compromisso: $p = 0,105$; intimidade: $p = 0,097$;

paixão: $p = 0,131$; escore total do amor: $p = 0,092$). Em todos os elementos, respondentes de ambos os gêneros obtiveram escores iguais ou superiores a 7,0, indicando um panorama positivo do desenvolvimento dos elementos do amor. Já quanto à satisfação com o relacionamento amoroso, constatou-se diferença significativa entre homens e mulheres; os homens com deficiência apresentaram índices mais elevados (mediana de 7,0) em comparação às mulheres (mediana 6,2), indicando maior satisfação com a relação amorosa ($p=0,037$).

Tabela 5

Resultados das correlações entre os escores de satisfação com o relacionamento amoroso e os escores dos elementos do amor conforme o gênero dos participantes.

	GÊNERO		p-valor
	MULHERES	HOMENS	
	N = 93	N = 42	
ESCORE COMPROMISSO	7,9 [6,9; 8,4]	8,3 [7,7; 9,0]	0,105
ESCORE INTIMIDADE	7,9 [7,2; 8,6]	8,4 [7,6; 8,9]	0,097
ESCORE PAIXÃO	7,0 [5,7; 7,8]	7,3 [6,7; 8,0]	0,131
ESCORE AMOR TOTAL	7,6 [6,7; 8,2]	8,1 [7,4; 8,5]	0,092
ESCORE TOTAL ENSRA-R	6,2 [4,4; 7,1]	7,0 [5,6; 8,0]	0,037

Nota: Dados expressos em mediana e intervalo interquartilico (IQR). p-valor em negrito indica significância estatística.

DISCUSSÃO

Este estudo buscou investigar, de forma quantitativa, o amor e seus elementos e a satisfação com o relacionamento amoroso entre PCD física ou sensorial. Além disso, buscou averiguar eventuais diferenças nestas variáveis entre PCD de diferentes tipos (física, sensorial ou múltipla) e com diferentes características sociodemográficas. Quanto a estas características, o número expressivamente maior de participantes com deficiência física (59,3%) em relação aos demais tipos de deficiência está em consonância com o panorama da população brasileira. Conforme dados do IBGE, 7,1% da população possui alguma deficiência física, sendo este percentual superior ao

das demais deficiências e incluindo dificuldade para andar ou subir degraus, dificuldade para levantar uma garrafa com dois litros de água da cintura até a altura dos olhos e dificuldade para pegar objetos pequenos ou abrir e fechar recipientes (Brasil, 2023). Em contrapartida, a prevalência de PCD física no presente estudo contrasta com os achados de uma pesquisa alemã, que identificou que PCD sensoriais (auditiva ou visual) tinham mais relacionamentos amorosos do que PCD física (Retznik et al., 2017).

O baixo percentual de PCD auditiva que participaram do estudo pode decorrer do fato de muitas pessoas da comunidade surda não se identificarem enquanto PCD, por não perceberem barreiras sociais que as impedem de interagir socialmente, mesmo diante de uma perda auditiva. Isso porque quem se considera surdo e faz uso da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) como primeira língua pode alcançar a participação social devido à comunicação interpessoal, culminando em uma identidade e cultura específicas desta comunidade. Essa situação difere daquela das pessoas que possuem perda auditiva, mas não se comunicam com LIBRAS e sim fazendo uso de outros recursos, como a leitura labial e a língua portuguesa como primeira língua (Aguar, 2020).

Outro motivo que pode explicar o maior número de PCD física no presente estudo é a necessidade de recursos de acessibilidade específicos por PCD sensorial, tais como audiodescrição e tradução em LIBRAS, aspectos ainda não frequentes nas pesquisas científicas e implementados também neste estudo em momento posterior ao início da coleta de dados. Assim, o preenchimento do formulário *online* por PCD física pode ter se mostrado mais acessível desde o início da divulgação. Mesmo depois da implementação desses recursos de acessibilidade, a leitura da audiodescrição se mostrou mais lenta e demorada, enquanto que a tradução em LIBRAS necessitava ser aberta em outra tela. Esses processos podem ter dificultado a adesão e levado à descontinuidade do preenchimento do formulário de coleta pelas PCD sensorial, em virtude de o estudo ter sido conduzido de forma *online*.

Alguns dados se destacaram no que tange ao perfil sociodemográfico da amostra. O maior percentual de participantes mulheres (68,9%) corrobora as informações da PNAD Contínua do IBGE (2023), que mostrou que, do total da população brasileira que declara possuir alguma deficiência, 10% são mulheres em comparação a 7,7% dos homens. Em contrapartida, outras características sociodemográficas contrariaram os números do IBGE, que identificou um predomínio de PCD pretas no Brasil (9,5%), enquanto que, neste estudo, predominou a etnia branca (66,7%) via autodeclaração. Outro dado que difere do perfil apresentado pelo IBGE relacionou-se ao nível de escolaridade da amostra, já que a maior parte (64,4%)

declarou possuir alto nível de formação (ensino superior ou pós-graduação), enquanto que o IBGE apontou um alto índice de educação básica incompleta (no caso, 63,3% das PCD no Brasil e com idade escolar não completaram o ensino fundamental). Ainda, predominou na amostra a presença de trabalho remunerado (68,9%) em contraste aos dados nacionais, que mostram que apenas 29,2% de PCD possuem uma ocupação (IBGE, 2023). Essas diferenças podem ser justificadas pelo perfil de pessoas que costumam acessar pesquisas científicas *online*, ainda muito elitizado, independentemente da presença ou não de deficiência, visto a necessidade de acesso à tecnologia (computador) e à internet para receber a divulgação desses estudos e poder acessar os formulários de coleta de dados. Desse modo, o perfil predominante de PCD que acessaram o presente estudo foi composto por mulheres autodeclaradas brancas, com escolaridade alta e uma ocupação. Ainda, a região mais representada neste estudo foi a Sudeste (40%), em discordância dos dados nacionais, que apontam a região com mais PCD no Brasil como sendo a Nordeste (10,3%).

Em relação às características da vida amorosa e sexual da amostra, observou-se que a média de idade do início da vida sexual foi de 18,8 anos (DP = 4,8), ou seja, no final da adolescência e início da fase adulta. Esses dados discordam em parte daqueles informados por um estudo brasileiro qualitativo realizado com 10 PCD visual com mais de 18 anos. Naquele estudo, quase metade dos participantes ou ainda não tinha iniciado a vida sexual ou o fez após os 40 anos de idade, momento consideravelmente tardio em relação à maioria da população geral, que costuma iniciar a vida sexual ainda na adolescência (Domingos, Sgarbossa, Teixeira, & Silva, 2007).

A alta média idade de início da vida sexual encontrada no presente estudo também pode ser justificada pela falta de informações de cunho psicoeducativo sobre a sexualidade para a comunidade de PCD em etapas anteriores do desenvolvimento, já apontada por estudos anteriores (por exemplo, Medeiros, 2016). De fato, essa pesquisa qualitativa com 17 PCD visual encontrou dificuldade dos participantes na obtenção de orientações sobre sexualidade na infância e adolescência, visto que os pais não conversavam sobre o tema, o que os privava desse conhecimento importante para o desenvolvimento como um todo. Quando acontece, a psicoeducação sobre sexualidade não é feita de forma acessível para PCD, o que também contribui para que essas orientações não alcancem esse público (Medeiros, 2016). Em consonância a esses dados, outra pesquisa qualitativa identificou que nenhuma das cinco PCD visual que participaram do estudo havia iniciado a vida sexual na adolescência, ainda que manifestassem desejo para tal, além de vontade de conversar sobre o tema e receber informações sobre as suas dúvidas e medos (Bezerra & Pagliuca, 2009).

Salienta-se, ainda, que não foram encontradas diferenças significativas entre pessoas com diferentes tipos de deficiência no que tange à idade de início da vida sexual. Esse achado contraria um estudo alemão que comparou as vivências amorosas de PCD visual, física e auditiva, no qual este último grupo começou a vida sexual mais cedo do que os participantes com deficiência física (Retznik et al., 2017).

Ainda sobre a sexualidade, a maioria dos participantes relatou uma vida sexual ativa, com frequência de relação sexual de, no mínimo, uma vez na semana (63,7%). Esse achado concorda com aqueles obtidos em um estudo brasileiro qualitativo com 17 PCD visual, que indicaram que esse público exerce a sua sexualidade, pois entende que a deficiência visual não a restringe (Medeiros, 2016). Os achados do presente estudo corroboram também o estudo de Oliveira (2016), que destacou, entre PCD física, o reconhecimento dos corpos com deficiência como desejáveis, atraentes, bonitos, não apenas capazes de receber como também de proporcionar prazer e satisfação sexual aos seus(suas) parceiros(as).

A percepção positiva em relação à sexualidade de PCD foi constatada ainda em outros estudos nacionais (Cardoso, 2019; Carvalho & Silva, 2020; Oliveira, 2016), que demonstraram qualitativamente conhecimento, desejos, necessidades e expectativas sexuais desse público, repercutindo em uma vivência sexual ativa. No entanto, essas pessoas têm demonstrado que a sexualidade não se restringe à relação sexual, englobando também outros aspectos, tais como o afeto, a sedução, a imaginação e o contato (Cardoso, 2019; Oliveira, 2016), não investigados diretamente no presente estudo. De todo modo, os achados evidenciaram que esse público usufrui da sua sexualidade e necessita de igualdade de direitos sexuais e reprodutivos (Cardoso, 2019; Carvalho, 2019; Carvalho & Silva, 2020; Oliveira, 2016; Oliveira, 2021), já que a temática ainda é considerada tabu entre PCD (Chappell, 2014; Medeiros, 2016; Oliveira, 2016; Oliveira, 2021; Rizzo & Gonçalves, 2022). Portanto, o presente estudo está em consonância com a literatura nacional, ao destacar a relevância da sexualidade na vida das PCD.

Ainda na esfera da sexualidade, a maioria dos participantes declarou-se heterossexual (87,3%), o que faz pensar se houve omissão/ocultamento da homossexualidade em função da desejabilidade social, para evitar uma condição de duplo preconceito apontada na literatura entre homens surdos homossexuais, que sofrem pela deficiência auditiva somada à homossexualidade (Abreu, Silva & Zuchiwschi, 2015). Essa situação poderia justificar a baixa aderência de PCD de orientação homossexual ao presente estudo, já que esse público pode preferir não se expor em virtude de preconceitos e estigmas.

Cabe destacar também que os respondentes, em porcentagens semelhantes, declararam-se casados/em união estável ou solteiros. Esses dados diferem, em parte, dos encontrados na Pesquisa Nacional de Crescimento Familiar de 2011 a 2013, realizada nos Estados Unidos com base em dados de mais de 5.000 mulheres com e sem deficiência. Conforme tal pesquisa, casar ou morar com o companheiro era mais frequente entre as mulheres sem deficiência (40,5% versus 27% entre mulheres com deficiência) (Bloom, Mosher, Alhusen, Lantos, & Hughes, 2017)

O fato de 55,6% dos respondentes do presente estudo não terem filhos e 44,4% terem filhos coaduna-se com achados do estudo estadunidense recém mencionado (Bloom et al., 2017), que indicou percentuais aproximados de mulheres com deficiência desejosas de ter filhos (43% versus 50% das mulheres sem deficiência). Esse dado mostra que a vivência da deficiência não impede os projetos de maternidade entre essas mulheres (Bloom et al., 2017), o que se constitui em um achado positivo.

Quanto ao(à) parceiro(a), a maioria dos respondentes declarou que o cônjuge/parceiro(a) não apresentava deficiência (65,2%), sendo este fato consideravelmente mais frequente entre PCD física (73,9%). Essas informações estão em consonância com achados de um estudo africano que mostrou, nos discursos dos seus participantes, que os mesmos acreditavam ser possível desenvolver relações amorosas com pares sem deficiência, sendo este um fator importante para o combate à discriminação (Chappell, 2014). Por sua vez, tais achados discordam daqueles encontrados em um estudo africano quantitativo no qual mais de 400 jovens sem deficiência participaram. Isso porque a maior parte deles (85,5%) não estava disposta a estabelecer relações amorosas com PCD, independentemente do nível socioeconômico e educacional, reforçando os estereótipos e a discriminação enfrentada por PCD na esfera amorosa, ao vislumbrarem tais parceiros com deficiência como seres assexuados e incapazes de exercer papéis conjugais e/ou sexuais (Zewude & Habtegiorgis, 2021). O fato de a maioria dos parceiros de PCD física não terem deficiência pode se justificar também pela necessidade de suporte que algumas delas podem ter, justamente em função da deficiência.

No que tange às principais variáveis do estudo (componentes do amor e satisfação amorosa), constatou-se, de modo geral, um índice alto de amor total (mediana da ETAS = 7,8) e em todos os componentes (compromisso: 8,0; intimidade: 8,2; paixão: 7,1), independentemente do tipo de deficiência. Essas pontuações elevadas refletem uma vivência amorosa positiva das PCD física, sensorial e múltipla. Esse cenário também foi observado em outros estudos com PCD (por exemplo, Mattila et al., 2017). Nesta investigação realizada na Finlândia foram evidenciadas, de forma

qualitativa, percepções positivas de sete PCD sobre suas experiências amorosas, marcadas pela confiança, união, felicidade e bem-estar. Os participantes descreveram o amor como um sentimento positivo, que acarreta bom humor e felicidade (Mattila et al., 2017).

Ao tratar dos elementos do amor separadamente, a literatura com PCD é escassa. Não foram localizados estudos com essa população em se tratando de intimidade e compromisso, embora estudos na esfera da sexualidade, que pode abarcar o elemento paixão, sejam frequentes (Bezerra & Pagliuca, 2009; Carvalho & Silva, 2018; Cozac et al., 2016; Garcia, 2012; Maia & Ribeiro, 2009; Morales & Batista, 2010; Moura & Pedro, 2006; Souza et al., 2017). Os achados do presente estudo indicaram uma mediana de 7,1 no elemento paixão, refletindo um bom índice, o que demonstra uma vivência positiva da sexualidade, da atração física e do desejo sexual dessas pessoas nas suas relações amorosas, independentemente do tipo de deficiência. As informações obtidas sobre a frequência de relações sexuais de pelo menos uma vez na semana (63,7%), indicando uma vida sexual ativa para a maioria dos participantes, parecem concordar com esse achado. Interessante observar que um estudo alemão demonstrou maior satisfação com a sexualidade entre PCD visual (Retznik et al., 2017).

Não foram encontradas diferenças significativas entre participantes de diferentes idades quanto aos escores do elemento paixão, conforme previa uma das hipóteses acerca de uma correlação negativa entre idade e essa variável. Essa ausência de associação pode ser decorrente de o público de PCD sofrer com barreiras atitudinais independentemente da idade, o que pode atravessar diretamente a sua autoestima, por exemplo. Assim, o elemento da paixão, ou seja, a atração física, pode contribuir para superar essas barreiras, fazendo com que as PCD se sintam mais valorizadas e desejadas em qualquer etapa do desenvolvimento. Essa hipótese pode justificar o fato de a amostra estudada ter apresentado pontuações altas nesse elemento com qualquer idade.

Em relação ao componente compromisso, ou seja, o comprometimento de manter a duração do relacionamento amoroso, os escores também foram altos (mediana = 8), de forma semelhante ao de um estudo alemão, que encontrou a preferência da amostra por relações mais duradouras (Retznik et. al., 2017). Nesse sentido, o fato de, no presente estudo, 49,7% dos participantes declararem possuir relacionamentos amorosos de mais de cinco anos de duração parece concordar com os achados da ETAS, independentemente do tipo de deficiência. Esses achados também podem indicar um atravessamento possível da vivência da deficiência. Isso porque a exclusão social comumente associada às PCD pode torná-las mais

fragilizadas e vulneráveis, motivo pelo qual um relacionamento amoroso estável e sólido pode representar segurança para esse público, fortalecendo a sua decisão de investir na relação amorosa e manter o comprometimento com o(a) parceiro(a).

Assim como a paixão e o compromisso não obtiveram diferenças significativas de acordo com gênero, orientação sexual, escolaridade, tipo de deficiência, duração do relacionamento e presença de filhos, o mesmo aconteceu com o componente da intimidade, que obteve pontuação elevada (mediana de 8,2) independentemente do tipo de deficiência e dessas outras características sociodemográficas. Um estudo realizado com pessoas sem deficiência encontrou variação significativa da intimidade ao longo do relacionamento, com menores escores entre participantes com tempo médio de relacionamento de 15 anos e maiores para aqueles com duração média de relacionamento de 30 anos, provavelmente em função das diferentes demandas de vida pessoal e conjugal, tais como investimento na carreira (Hernandez et al., 2015). No presente estudo, não foi observada a diferença nos escores de intimidade conforme o tempo de relacionamento, refutando uma das hipóteses iniciais, que previa que participantes com mais tempo de relação apresentariam escores mais elevados neste componente.

Como a intimidade é o componente que diz respeito à proximidade, conexão e vínculo, aos laços emocionais entre os membros do casal, uma explicação possível para esse achado pode decorrer do fato de a vivência da deficiência aproximar ainda mais os cônjuges de maneira prática, visto que pode haver a necessidade de auxílio para a realização de cuidados de higiene, principalmente nos casos de deficiência física, deslocamentos e outras atividades de vida diária. Esse auxílio prático, quando satisfatório, pode contribuir para intensificar o sentimento de conexão com o(a) parceiro(a) entre as PCD, mas também do(a) parceiro(a) em relação às PCD, promovendo o fortalecimento do vínculo do casal, visto que ambos se tornam mais conscientes das demandas e necessidades específicas de cada membro da dupla. Coadunam com esses achados os índices do IDEF, que indicaram que quase 20% da amostra apresentava dificuldade moderada/grave/completa nas atividades de higiene e 10% nas atividades de cuidado corporal. Essa proximidade entre os cônjuges parece acontecer desde o início dos relacionamentos, diante dessa condição de maior necessidade de apoio. Contudo, também não se pode desconsiderar que a existência de paixão e compromisso com a relação pode repercutir para uma maior proximidade emocional entre os(as) parceiros(as), justificando esses resultados.

Quando analisados os componentes do amor em relação ao gênero, outra hipótese inicial do estudo foi refutada, dado que os homens não apresentaram maior pontuação nos elementos do amor, sendo os escores elevados para ambos os grupos.

Esse dado contraria achados de pesquisas realizadas com PCD e sem deficiência. Um estudo realizado com pessoas sem deficiência encontrou diferenças significativas nos componentes da Teoria Triangular do Amor conforme o sexo dos respondentes, com todas os escores de todas as dimensões mais elevados para os homens, mostrando que eles se apaixonam mais facilmente do que as mulheres, além de possuírem maior reatividade emocional e paixão do que elas (Hernandez et al., 2015). A presença da deficiência pode ser uma justificativa para a ausência de diferença significativa nos escores dos elementos do amor conforme o gênero. Entende-se que socialmente esse é um público que sofre com estigmas e discriminação atravessadas pelo capacitismo, independentemente do gênero (Gartrell et al., 2017; Llarío et al., 2017; Santos et al., 2015). Esse fato pode acarretar uma valorização maior desse público quanto às suas relações amorosas, visto que podem oferecer segurança, compreensão, apoio emocional e prático inclusive para o enfrentamento dos preconceitos e discriminações sofridos, sendo os cônjuges de PCD possíveis aliados nessa luta.

A ausência de diferenças significativas entre homens e mulheres em relação aos componentes do amor, observada no presente estudo, também difere dos achados de um estudo qualitativo realizado na África do Sul com PCD física e visual, em que se constatou o papel importante desempenhado pelo gênero no discurso do amor, ainda que não tenha sido utilizada a Teoria Triangular do Amor. No caso, os dados qualitativos apontaram que as mulheres enfatizaram mais a crença no amor romântico, destacando a importância da confiança e do compromisso em comparação aos homens entrevistados (Chappell, 2014). A diferença encontrada entre os estudos dos estudos pode decorrer da metodologia empregada, visto que as entrevistas tendem a possibilitar uma maior expressão dos participantes. Assim, entende-se como necessária a adoção de delineamentos mistos em estudos com PCD, embasados na Teoria Triangular do Amor, para melhor analisar a sua expressão.

Sobre a satisfação amorosa, também se destaca a sua alta pontuação entre os respondentes (mediana = 6,4), indicando um bom nível de satisfação, com diferenças significativas em relação ao gênero, nível de escolaridade e tipo de deficiência dos respondentes. Esse achado concorda com os de um estudo alemão sobre planejamento familiar para jovens adultos com deficiência, no qual mais de 150 PCD física, visual e auditiva participaram. Esse estudo encontrou diferenças significativas na satisfação com a relação amorosa entre PCD de diferentes tipos. Enquanto PCD física demonstraram estar mais contentes nos seus relacionamentos amorosos atuais quando comparadas às PCD sensoriais (auditiva ou visual) (Retznik et al., 2017), no presente estudo as PCD múltiplas mostraram-se mais satisfeitas em comparação àquelas com apenas um tipo de deficiência. Esse dado pode ser justificado pois

peças com mais de um tipo de deficiência podem necessitar de demandas específicas, o que pode fortalecer o vínculo com o cônjuge e, conseqüentemente, impactar positivamente na satisfação amorosa quando essas demandas são supridas de maneira satisfatória pelo(a) parceiro(a).

Outro marcador social que se apresentou significativamente diferente quanto à satisfação amorosa foi a escolaridade, já que participantes com menor nível de ensino mostraram-se mais satisfeitos em comparação ao grupo de maior escolaridade. Uma hipótese levantada para esse achado é a possibilidade de que PCD com menor nível de escolaridade tenham menos acesso à informação e, conseqüentemente, sejam menos exigentes ou mesmo tenham expectativas mais realistas em relação a certos aspectos de suas vidas, incluindo os seus relacionamentos amorosos. Esse achado difere daqueles encontrados em uma pesquisa gaúcha, na qual participaram mais de 100 pessoas sem deficiência, que indicou associação entre alta escolaridade e maior satisfação com o relacionamento amoroso. Segundo as autoras, sujeitos sem deficiência com mais estudo podem dispor de maior repertório de habilidades pessoais para lidar com os desafios da conjugalidade (Rizzon et al., 2013).

De forma semelhante a esse estudo gaúcho (Rizzon et al., 2013), no presente estudo a presença de filhos não impactou na pontuação da satisfação amorosa dos participantes. Sobre esse achado, como a parentalidade costuma repercutir na conjugalidade, pode-se pensar na possibilidade de os respondentes com relacionamentos menos longos ainda não terem filhos, motivo pelo qual isso não impactaria nos elementos do amor e na satisfação amorosa. Por outro lado, em relacionamentos com maior tempo de duração, os filhos podem não ser mais crianças, demandando dos pais menos cuidados, motivo pelo qual essa variável pode não ter influenciado os escores do amor e da satisfação amorosa na amostra estudada. Sobre esse aspecto, considera-se como limitação do estudo a ausência de informações sobre a idade dos filhos.

Os escores de satisfação amorosa variaram conforme o gênero dos respondentes. Em consonância com outros achados (Hernandez & Bayão, 2015) e confirmando a hipótese levantada inicialmente, os homens com deficiência demonstraram estar mais satisfeitos com os seus relacionamentos amorosos em relação às mulheres. Uma possibilidade para esse achado é de que homens com deficiência (assim como os sem deficiência) sejam atravessados pelas normas de gênero estabelecidas socialmente, que podem impactar na forma como eles percebem e entendem os seus relacionamentos amorosos. Nesse sentido, pode-se considerar que os homens são menos incentivados culturalmente a se expressarem e se comunicarem nas e sobre as suas relações afetivas, os seus sentimentos e

necessidades, não estando “autorizados” socialmente a queixar-se de seus relacionamentos e parceiras. Tudo isso, pode contribuir para que eles também sejam menos exigentes do que as mulheres em seus relacionamentos afetivos, motivo pelo qual demonstraram estar mais satisfeitos do que elas nesse quesito. Entretanto, esses achados contrariam aqueles de um estudo português no qual participaram PCD auditiva e no qual não foram verificadas diferenças significativas entre os gêneros em relação à satisfação com o relacionamento amoroso (Gomes, 2014), mostrando que os homens estavam tão satisfeitos amorosamente quanto às mulheres naquele contexto.

Em relação às associações entre as variáveis de interesse do estudo (elementos do amor e satisfação com o relacionamento amoroso), a correlação positiva encontrada entre ambas concorda com achados de estudos anteriores, que têm demonstrado essa associação entre o público sem deficiência (por exemplo, Hernandez & Baylão, 2020; Rizzon et al., 2013). Esse achado confirmou uma das hipóteses inicialmente levantadas, que previa que, quanto maior o desenvolvimento dos elementos do amor (compromisso, intimidade e paixão), maior também seria a satisfação com a relação amorosa. Esse achado concorda com aqueles encontrados em um estudo realizado recentemente no Rio de Janeiro, do qual participaram mais de 300 pessoas hetero e homossexuais sem deficiência. Os componentes do amor, principalmente a combinação de intimidade e compromisso, contribuíram para explicar a satisfação conjugal em participantes dos dois grupos (Hernandez & Baylão, 2020).

CONCLUSÕES

Os resultados do presente estudo mostraram a ausência de diferença nos escores dos componentes do amor para PCD de diferentes tipos, com escores elevados nos três elementos postulados pela Teoria Triangular do Amor de Sternberg (Compromisso, Intimidade e Paixão), o que indica uma boa vivência dos mesmos. Esse dado é relevante ao mostrar que a vivência da deficiência não parece estar interferindo na experiência do amor da amostra estudada, ainda que o tema seja circundado por preconceito e discriminação. Particularmente, o elemento Paixão, que engloba a sexualidade, demonstrou ser um aspecto positivo para os respondentes, mesmo que socialmente ainda seja percebido como um tabu. Importante também considerar que pode haver um viés nesses resultados considerando o caráter voluntário da participação no estudo. Assim, podem ter participado do presente estudo aquelas PCD mais abertas e com vivências mais positivas sobre o tema, o que faz com que se sintam mais confortáveis para refletir sobre a sua relação amorosa atual.

Levanta-se a hipótese, ainda, de que a deseabilidade social tenha contribuído para o baixo percentual de participantes com baixos escores nos componentes do amor e na satisfação amorosa. De fato, a amostra estudada apresentou níveis elevados de satisfação com o relacionamento amoroso.

Algumas associações foram identificadas entre esses escores e o tipo de deficiência e características sociodemográficas, pois PCD múltipla mostraram-se mais satisfeitas com as suas relações amorosas, contrariando a literatura. Além disso, homens com deficiência apresentaram maior satisfação com a relação amorosa quando comparados às mulheres, dado já encontrado na literatura entre pessoas sem deficiência. Por fim, pessoas com menor escolaridade mostraram-se mais satisfeitas com a sua relação amorosa, também contrariando a literatura com pessoas sem deficiência. Para além desses achados, a vivência amorosa e sexual de PCD física e sensorial não esteve associada à orientação sexual, duração do relacionamento, quantidade de filhos e idade do início da vida sexual já que a amostra estudada pontuou positivamente nos componentes do amor e na satisfação amorosa independentemente desses marcadores.

O presente estudo teve o mérito de investigar uma temática ainda pouco contemplada entre PCD de diferentes tipos empregando uma metodologia quantitativa, o que não tem sido frequente em estudos com o público de PCD. A característica correlacional permitiu a comparação entre participantes com diferentes grupos de características e uma compreensão mais ampla do fenômeno do amor entre esses sujeitos, promovendo uma maior representatividade dessa comunidade no meio científico e acadêmico. Esses pontos destacam-se positivamente, pois, conforme mencionado anteriormente, a vivência da deficiência é singular e única, sendo que um mesmo tipo de deficiência pode ser experienciado de formas muito diferentes, a depender do contexto social em que a pessoa está inserida. O mesmo pode ser pensado sobre a vivência do amor, específica para cada pessoa em cada relacionamento. Embora a deficiência possa ser um atravessamento para esse fenômeno, dado o tabu constantemente associado à esfera amorosa e sexual de PCD, tal premissa não pareceu se confirmar no presente estudo.

Os achados do presente estudo podem auxiliar a atuação da Psicologia, já que estes profissionais devem considerar o tema dos relacionamentos amorosos durante a atuação frente a esse coletivo. Especialmente na clínica psicológica, é importante que esses profissionais entendam o atravessamento da vivência da deficiência nas relações amorosas, bem como os fatores que levam esse público a desenvolver altos níveis de intimidade, paixão e compromisso nas suas relações. Os psicólogos podem atuar auxiliando essas pessoas no estabelecimento e manutenção de relacionamentos

amorosos mais satisfatórios. Com base nessa compreensão, podem ser delineadas intervenções terapêuticas específicas para atender às necessidades singulares dessas pessoas, contribuindo para a qualidade conjugal. Além disso, a atuação de profissionais da Psicologia pode ser importante na psicoeducação desse público sobre as demandas relativas ao exercício da sexualidade, visto a escassez de instruções acessíveis sobre isso para as PCD. Essas orientações podem acontecer tanto em ambiente clínico como em outros espaços e contextos que as PCD frequentem, como escola, associações comunitárias, religiosas, ONGs, etc., ambientes nos quais seria possível abordar a temática da sexualidade desde as etapas mais iniciais do desenvolvimento, principalmente em grupos.

Ademais, entende-se como importante a atuação psicológica no que tange à prevenção e identificação de possíveis situações de violência e abuso nos relacionamentos amorosos, já que essa população, algumas vezes, se encontra mais vulnerável a isso. Por fim, trabalhar para fortalecer o senso de individualidade e autonomia, a autoestima e a autoaceitação dessas pessoas pode repercutir para uma maior segurança na esfera amorosa.

Apesar da relevância dos achados do presente estudo, algumas limitações precisam ser apontadas. A aplicação de questionários e escalas não propiciou aos participantes, oportunidade de expressão livre, o que pode ser uma limitação, visto que, no contato com potenciais participantes, percebeu-se a necessidade dessas pessoas de falarem sobre o assunto. Essa demanda ficou evidente no *feedback* que alguns ofereceram sobre a pesquisa ao final do formulário de coleta de dados, quando se disponibilizou um espaço para comentários opcionais. Tais respondentes expressaram o contentamento pela participação no estudo e o desejo de poderem trocar experiências entre pares sobre o assunto. Assim, sugere-se que estudos futuros adotem uma metodologia mista, atrelando tanto o mapeamento do fenômeno quanto a exploração aprofundada dos dados. Grupos focais podem ser uma boa estratégia metodológica para promover trocas entre os participantes a respeito das suas vivências amorosas e sexuais.

Também se sugere a ampliação da amostra de PCD de diferentes orientações sexuais e de gênero e envolvidas em diferentes tipos de relações amorosas, visto que no presente estudo predominaram pessoas heterossexuais envolvidas s em relacionamentos convencionais. Ainda, mostra-se necessário acessar PCD de diferentes estratos socioeconômicos e de escolaridade, bem como com deficiência intelectual, para complementar as evidências obtidas neste estudo.

REFERÊNCIAS

- Abreu, F. S. D., Silva, D. N. H. & Zuchiwschi, J. (2015). Surdos e homossexuais: A (des)coberta de trajetórias silenciadas. *Temas em Psicologia*, 23(3), 607-620. DOI: [10.9788/TP2015.3-07](https://doi.org/10.9788/TP2015.3-07)
- Aguiar, T. F. (2020). Surdos não são considerados pessoas com deficiência? Como assim? LinkedIn disponível em: <https://www.linkedin.com/pulse/surdos-n%C3%A3o-s%C3%A3o-considerados-pessoas-com-defici%C3%Aancia-tha%C3%ADs/?originalSubdomain=pt>
- Bezerra, C. P., & Pagliuca, L. M. F. (2009). The experience of sexuality by visually impaired adolescents. *Revista da Escola de Enfermagem. USP*, 44(3), 577-582. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0080-62342010000300005>
- Bloom, T. L., Mosher, W., Alhusen, J., Lantos, H. & Hughes, R. B. (2007). Fertility desires and intentions Among U.S. Women by Disability Status: Findings from the 2011–2013 National Survey of Family Growth. *Maternal Child Health*, 21(8), DOI 10.1007/s10995-016-2250-3
- Brasil (2016). Conselho Nacional de Saúde. *Resolução nº 510 de 07 de abril de 2016* Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>
- Brasil (2021). Ministério da Saúde. *Ofício circular de 21 de fevereiro de 2021*. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://conselho.saude.gov.br/images/Oficio_Circular_2_24fev2021.pdf
- Brasil (2023). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios Contínua*. Disponível em: <https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/noticias/2023/07/pela-primeira-vez-pnad-continua-reune-e-disponibiliza-dados-sobre-pessoas-com-deficiencia>
- Caetano, E. B., Manhães, M. M., Sales, R. B. F., Santana, V. C. & Azevedo, C. A. L. S. (2019). Investigações fenomenológicas dos sentidos desvelados nas relações conjugais a partir da deficiência de ao menos um dos cônjuges. *Ciências humanas e sociais aplicadas*. 9(26), 113-126. DOI: 10.25242/887692620191894
- Cardoso, T. F. (2019). *Sexualidade e deficiência física: um olhar sobre a sexualidade da pessoa com deficiência física*. Trabalho de Conclusão de Curso em Pedagogia, Universidade Federal do Pará, Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://bdm.ufpa.br:8443/jspui/bitstream/prefix/2488/1/TCC_SexualidadeDeficienciaFisica.pdf

- Carvalho, A. N. L. & SILVA, J. P. (2020). Sexuality of People with Physical Disabilities: an Analysis in the Light of the Theory of Social Representations. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 27(198) 529-544. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-54702021v27e0198>
- Carvalho, A. N. L. (2019). *Representações sociais sobre a sexualidade das pessoas com deficiência: um estudo com universitários com e sem deficiência*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, Brasil. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/10968>
- Cassepp-Borges, V. (2010). *Amor e construtos relacionados: Evidências de validade de instrumentos de medida no Brasil*. Tese de Doutorado em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações, Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil.. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/8330>
- Chappell, P. (2014). How Zulu-speaking youth with physical and visual disabilities understand love and relationships in constructing their sexual identities. *Culture, health & sexuality*, 16(9). 1156-1168. DOI: <https://doi.org/10.1080/13691058.2014.933878>
- Costa, M. S.G. M. (2018) *A vivência da sexualidade na deficiência: uma revisão bibliográfica*. Trabalho de Conclusão de Curso, Terapia Ocupacional, Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/23895/1/2018_MariannaStellaGarciaMagest_ydaCosta_tcc.pdf Acessado em 10 de agosto de 2022.
- Cozac, M. C. Pereira, A. R. & Castro, S. S. Concepção de sexualidade entre pessoas com deficiência visual. *Cadernos de Educação, Saúde e Fisioterapia*, v. 3, n. 6, 2016. Disponível em: <http://revista.redeunida.org.br/ojs/index.php/cadernos-educacao-saude-fisioter/article/view/732>
- Creswell, J. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2ª edição. Porto Alegre: Artmed, 2010
- Dias, A. (2013). Por uma genealogia do capacitismo: da eugenia estatal à narrativa capacitista social. *I Simpósio Internacional de Estudos sobre a Deficiência*, São Paulo, Brasil.
- Domingos, V. T., Sgarbossa, A. P., Teixeira, A. N. & Silva, E. A. R. (2007). Sexualidade: em estudo com portadores de deficiência visual. *Akrópolis, Umuarama*. 15(3) 125-140.
- Emidio, T. S. & Silva, F. G. (2021). Conjugalidade e Deficiência Física Adquirida: Um Estudo a Partir da Perspectiva dos Parceiros. *Pensando Famílias*, 25(2)3-18.
- Freitas, N. B. C. (2020). *Grande amor romântico: evidências psicométricas e contribuições psicossociais*. Tese de Doutorado em Psicologia Social,

- Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, Brasil. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/20342?locale=pt_BR
- Garcia, W. P. (2012). Apontamentos e reflexões sobre a sexualidade da pessoa com deficiência intelectual. *Psicologia argumento*, v. 30, n. 68, p. 149-160.
DOI:[10.7213/rpa.v30i68.20409](https://doi.org/10.7213/rpa.v30i68.20409)
- Gartrell, A., Baesel, K. & Becker, C. (2017) "We do not dare to love": women with disabilities' sexual and reproductive health and rights in rural Cambodia. *Reproductive Health Matters*, 25(50), 31-42, DOI: 10.1080/09688080.2017.1332447
- Gomes, M. A. C. (2014). *Estima de si e relação conjugal de pessoas idosas com deficiência auditiva*. Dissertação de Mestrado, Universidade Autónoma de Lisboa, Lisboa, Portugal. Disponível em: <https://repositorio.ual.pt/handle/11144/989>
- Gouveia, V. V., Fonseca, P. N., Cavalcanti, J. P. N., Diniz, P. K. Q. & Dória, L. C. (2009). Versão abreviada da Escala Triangular do Amor: evidências de validação fatorial e consistência interna. *Estudo de Psicologia*, 14(1), 31-39. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2009000100005>
- Hernandez, J. A. E. & Baylão, V. I. L. A. (2020). Papéis sexuais, amor e satisfação conjugal em indivíduos heterossexuais e homossexuais. *Psico-USF*, 25(1), 27-38. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-82712020250103> Acessado em 18 de setembro de 2022.
- Hernandez, J. A. E., Costa, S. V., Ribeiro, J. R., Areias, C. A. & Santos, K. N. V. (2015). Autorrelatos do amor no ciclo vital adulto. *Estudos e Pesquisa em Psicologia*, 15(2), 747-763. DOI: <https://doi.org/10.12957/epp.2015.17709> Acessado em 18 de setembro de 2022.
- Ignagni, E., Schormans, A. F., Liddiard, K. & Runswick-Cole, K. (2016). "Some people are not allowed to love": intimate citizenship in the lives of people labelled with intellectual disabilities. *Disability and Society*, 31(1), 131-135. DOI: <https://doi.org/10.1080/09687599.2015.1136148>
- Llario, M. D. G., Mengual, V. M., Arnal, R. B. Rodríguez, I. D. (2017). The experience of sexuality in adults with intellectual disability. *Journal of Intellectual Disability Research*. 62(1), 72-80 DOI: 10.1111/jir.12455
- Londero-Santos, A., Natividade, J. C., & Féres-Carneiro, T. (2021). Uma Medida de Satisfação com o Relacionamento Amoroso. *Avaliação Psicológica*, 20(1), 11-22. DOI: <http://dx.doi.org/10.15689/ap.2020.2001.18901.02>
- Lopes, B. S. N. (2012). *Um olhar sobre as relações amorosas: satisfação conjugal, intimidade e satisfação sexual*. Dissertação de mestrado em Psicologia Clínica.

- Instituto Universitário Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida, Lisboa, Portugal. Disponível em: <https://repositorio.ispa.pt/handle/10400.12/3780>
- Maia, A. C. B. & Ribeiro, P. R. M. (2010). Desfazendo mitos para minimizar o preconceito sobre a sexualidade de pessoas com deficiência. *Revista Brasileira de Educação Especial*, (16): 2: 159-176 DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-65382010000200002>
- Mattila, J. Maataa, K. Uusiautti, S. 'Everyone needs love'—an interview study about perceptions of love in people with intellectual disability (ID). *International journal of adolescence and youth*, v. 22, n. 3, p. 296-307, 2017. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/02673843.2016.1167749>
- Menezes, M. M. P. C. (2008). *Satisfação conjugal, auto estima e imagem corporal em indivíduos ostomizados*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/760>
- Morales, A. S. & Batista, C. G. (2010). Compreensão da sexualidade por jovens com diagnóstico de deficiência intelectual. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(2), 235-244. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000200005>
- Moura, G. R. & Pedro, E. N. R. (2006). Adolescentes portadores de deficiência visual: percepções sobre sexualidade. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 14(2), 220-226. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-11692006000200011>
- Oliveira, E. L. (2016). *"Pô, tô vivo véio!": histórias de vida e sexualidade de pessoas com deficiências físicas*. Tese de Doutorado, Universidade Federal de São Carlos, SP, Brasil. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/7400>
- Oliveira, A. F. O. (2021). Também temos desejo: sexo mercantil e o prazer sexual das pessoas com deficiência. Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho, Braga, Portugal. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/79550>
- Pereira, A. P. R. (2021). *Deficiência e Laço afetivos: que interfaces atravessam esses encontros?* Dissertação de mestrado, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, Brasil. Disponível em:
- Retznik, L. et al. Relationship status: Single? Young adults with visual, hearing, or physical disability and their experiences with partnership and sexuality. (2017) *Sexuality and disability*, v. 35, p. 415-432, 2017.
- Rizzon, A. L. C., Mosmann, C. P. & Wagner, A. (2013). A qualidade conjugal e os elementos do amor: um estudo correlacional. *Contextos Clínicos*, 6(1), 41-49. DOI: 10.4013/ctc.2013.61.05

- Sampaio, T. S. & Ferreira, V. F. (2019). Modelos de deficiência. *Brazilian Journal of Development*, 5(11): 25676-25683 DOI: 10.34117/bjdv5n11-224
- Santos, W. S., Dias, J. C., Kian, G. C., Silva, P. Y. F., Rodrigues, L. B. (2015). Homens portadores de deficiência física adquirida: estigmas e preconceitos vivenciados que interferem em sua sexualidade. *Revista Interface: Saúde, Humanas e Tecnologia*. 2(6) DOI: <http://dx.doi.org/10.16891/2317.434X.142>
- Schnellert, L. & Tidey, L. (2021). "You have the right to love and be loved": participatory theatre for disability justice with self-advocates. *Qualitative Research*, 00(0), 1-19. DOI: 10.1177/14687941211034963
- Silva, R. P. (2015). *Contributos para o estudo da importância das componentes do amor da Teoria Triangular de Sternberg e da personalidade para a satisfação e violência nas relações íntimas*. Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação, Aconselhamento e Desenvolvimento. Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal
- Souza, C. J., Denari, F. E. & Costa, M. R. R. (2017). O discurso das pessoas com deficiência física sobre a própria sexualidade. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, 12(4), 2177-2192. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v12.n4.out./dez.2017.9123>
- Sternberg, R. J. (1986). A triangular theory of love. *Psychological Review* 93(2): 119-135 DOI: <https://doi.org/10.1037/0033-295X.93.2.119>
- Zewude, R., Habtegiorgis, T. (2021). Willingness of youth without disabilities to have romantic love and marital relationships with persons with disabilities. *Life Sciences, Society and Policy*, DOI: <https://doi.org/10.1186/s40504-021-00114-w>

5 CONCLUSÕES FINAIS DA DISSERTAÇÃO

O presente trabalho nasceu de uma pergunta que a mestranda, enquanto profissional e pessoa, se fazia constantemente: “Há algo de diferente no amor de PCD?”. A partir dessa, outros tantos questionamentos emergiram, tais como: Por que usar o termo “diferente” para se referir ao público PCD? Que norma define essa diferença no amor? E, se há um amor diferente, seria porque há um amor “normal”? Não estaria essa dúvida pautada em uma lógica capacitista? E, sendo a deficiência tão diversa, haveria diferenças no amor vivenciado por pessoas com diferentes tipos de deficiência? Estas reflexões pautaram esse trabalho, que chega ao fim com uma tentativa de resposta para essas e tantas outras perguntas que foram surgindo ao longo desse percurso científico.

Com o intuito de responder essas reflexões, esse trabalho se propôs a estudar os elementos do amor da Teoria Triangular de Sternberg e a satisfação com o relacionamento amoroso de PCD física ou sensorial de diferentes regiões do Brasil. Ademais, buscou averiguar a existência de diferenças em relação aos elementos do amor e à satisfação com o relacionamento amoroso entre pessoas com diferentes tipos de deficiência (física, sensorial ou múltipla) e diferentes características sociodemográficas.

Optar por, de certa forma, “quantificar” um fenômeno tão complexo quanto o amor pode ser ousado. Com tantas tentativas prévias de explicar o amor em palavras, recorrer aos números pode ser considerado “diferente”, motivo pelo qual a Teoria Triangular do Amor despertou a minha curiosidade e interesse ao longo da construção desse trabalho. Dentre tantos autores que falam do amor, Sternberg parece trazer uma nova perspectiva para esse fenômeno tão abstrato, ao passo que, literalmente, desenha o amor como um triângulo para explicá-lo. Utilizar uma teoria já amplamente difundida com o público sem deficiência com sujeitos com deficiência consolidou-se como uma forma de apresentar dados consistentes entre esses marcadores sociais, permitindo a discussão dos mesmos e a tentativa de definir se esse seria mesmo um amor “diferente”.

Ao fim, pode-se afirmar que sim: há algo de diferente nesse amor, assim como há algo de diferente em qualquer outro amor. Pessoas são diferentes entre si, pois são atravessadas por diversos marcadores sociais, distintos entre si, tais como a presença ou não de uma deficiência, a orientação sexual, a etnia, a religião, a escolaridade, entre outros. Por outro lado, também foi possível verificar que há algo de igual, pois os respondentes obtiveram altos escores nos diferentes elementos que compõem o amor e na satisfação com a relação amorosa, à semelhança do encontrado em outros estudos.

Especificamente neste trabalho, os resultados mostraram que alguns marcadores sociais se destacaram e refletiram em diferenças na satisfação com a relação amorosa, mas não no amor. Constatou-se que ser homem, ter menor escolaridade e possuir deficiência múltipla esteve associado à maior satisfação amorosa nos relacionamentos.

Talvez pelo fato de os homens serem menos exigentes do que as mulheres no que tange às relações amorosas possa ter sido encontrada uma maior satisfação com o relacionamento amoroso entre eles. Ainda, PCD com menor escolaridade, contrariando a literatura sobre pessoas sem deficiência, também se mostraram mais satisfeitas. Talvez o menor acesso à informação possa contribuir para a redução das expectativas, demandas e necessidades afetivas, tornando tais pessoas menos exigentes em relação aos seus relacionamentos e, portanto, mais satisfeitas em relação a isso. Por fim, o fato de as PCD múltipla estarem mais satisfeitas com as suas relações amorosas pode ser justificado pelas demandas específicas em termos de mobilidade, autonomia, etc., o que pode aproximá-las dos(as) parceiros(as) amorosos(as) e, conseqüentemente, impactar positivamente na satisfação amorosa quando essas demandas são supridas de maneira positiva pelos(as) parceiros(as).

Em contrapartida, a ausência de diferença nos escores dos componentes do amor para PCD de diferentes tipos e os escores elevados encontrados na amostra nos três elementos do amor indicam um panorama positivo da vivência do amor entre PCD, ainda que o tema seja circundado por preconceito e discriminação. Particularmente, o elemento Paixão, que engloba a sexualidade, mostrou-se como um achado relevante, já que, contrariando tabus sociais, aparentou ser um aspecto positivo nas relações amorosas dos participantes.

Também chamou a atenção o fato de outras características sociodemográficas não terem se associado aos elementos do amor e à satisfação com o relacionamento amoroso, tais como orientação sexual, duração do relacionamento, quantidade de filhos e idade do início da vida sexual. Sendo assim, considerando as hipóteses inicialmente levantadas para o presente estudo, foi possível confirmar a associação positiva significativa entre os componentes do amor e a satisfação amorosa, pois, quanto maior a pontuação nos elementos do amor, maior o índice de satisfação amorosa; e a maior satisfação amorosa dos homens com deficiência em comparação às mulheres. Contudo, outras hipóteses específicas sobre os elementos do amor foram refutadas, devido à ausência de associações entre a duração do relacionamento e a pontuação do componente intimidade, e entre idade e o elemento paixão.

Conclui-se que o tema do amor e da sexualidade circunda diferentes áreas da saúde, que podem contribuir para a desmitificação de estigmas que ainda cercam a

comunidade de PCD nessa esfera. Entende-se como dever de diferentes profissões da área da Saúde (Psicologia, Enfermagem, Medicina e afins) oportunizar o acesso a informações de qualidade e orientar a população de PCD sobre aspectos da sexualidade, obviamente considerando a singularidade e a pluralidade que cercam as vivências das deficiências. É a partir de informações acessíveis que as PCD poderão desenvolver de forma mais satisfatória a sua vida sexual. Assim, entende-se que políticas públicas específicas para esse público se fazem necessárias para que as PCD possam ser mais bem informadas sobre o combate a doenças sexualmente transmissíveis, gestações indesejadas, entre outros aspectos.

Além disso, profissionais da saúde podem atuar de forma atenta junto a esse público, para auxiliar na identificação e prevenção de possíveis situações de violência e abuso nos relacionamentos amorosos, as quais essa população pode estar mais vulnerável. Particularmente, profissionais da Psicologia podem atuar para auxiliar na manutenção de relacionamentos saudáveis ou mesmo a promoção de relacionamentos mais satisfatórios, desenvolvendo estratégias interventivas visando reforçar a individualidade, autonomia, autoestima e auto-aceitação dessas pessoas, o que pode impactar positivamente nas suas vivências amorosas.

No que tange ao processo de pesquisa e à realização do Mestrado como um todo, encerrar um ciclo de dois anos intensos de trabalho científico é gratificante, assim como é gratificante ter o privilégio de usufruir do ensino público e de muita qualidade no Brasil. Ser estudante de mestrado na UFCSPA, poder desfrutar e, de certa forma, também contribuir com a educação, fazendo pesquisa sobre o meu grande tema de interesse, é realmente a realização de um sonho.

Como forma de honrar esse sonho, espero retribuir essa oportunidade divulgando os dados dessa pesquisa, tanto a partir da publicação de artigo científico quanto da apresentação de trabalhos em eventos. Ademais, outra forma de disseminar esse conhecimento acontecerá a partir do compartilhamento da cartilha informativa, intitulada “Sobre o amor e outras coisas mais”, em que constam informações sobre a o amor, a qualidade e a saúde conjugal e sugestões sobre práticas saudáveis de comunicação com o(a) parceiro(a) amoroso(a), a partir do embasamento da Comunicação Não Violenta e das Cinco Linguagens do Amor. O envio do material já aconteceu para todos os participantes e já está sendo organizado para todas as instituições que auxiliaram na divulgação do estudo. Por fim, por entender que esse material também pode ser útil para a população em geral, o mesmo também será divulgado para a comunidade através das redes sociais e do site da UFCSPA, com acesso livre e gratuito. A partir disso, espera-se contribuir para a reflexão sobre o tema do amor entre PCD e também para além desse público, no intuito de ajudar a reduzir

as barreiras atitudinais e preconceitos que ainda cercam esse amor supostamente “diferente”.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Questionário de Dados Sociodemográficos

(Barth & Levandowski, 2022)

Solicitamos que você responda às seguintes perguntas sobre você da maneira mais sincera possível:

- 1) Você se considera uma pessoa com deficiência? (marque apenas uma opção)
 - a) Sim
 - b) Não
- 2) Você está em um relacionamento amoroso há pelo menos seis meses? (marque apenas uma opção)
 - a) Sim
 - b) Não
- 3) Nome (os dados são sigilosos):
- 4) Data de nascimento:
- 5) Idade: __ anos
- 6) Estado e cidade de residência atual: _____
- 7) Raça/Etnia: (marque apenas uma opção)
 - a) Branca
 - b) Preta
 - c) Parda
 - d) Amarela
 - e) Indígena
 - f) Outra
- 8) Religião:
 - a) Sem religião
 - b) Cristã católica
 - c) Evangélica
 - d) Espírita
 - e) Umbanda
 - f) Budismo
 - g) Judaísmo
 - h) Outra:
- 9) Escolaridade: (marque apenas uma opção)
 - a) Ensino Fundamental Incompleto
 - b) Ensino Fundamental Completo
 - c) Ensino Médio Incompleto
 - d) Ensino Médio Completo

- e) Ensino Técnico Incompleto
- f) Ensino Técnico Completo
- g) Ensino Superior Incompleto
- h) Ensino Superior Completo
- i) Pós Graduação Incompleto
- j) Pós Graduação Completo

10) Profissão/Ocupação:

11) Renda familiar: (marque apenas uma opção)

- a) Até 2 salários mínimos
- b) De 2 a 4 salários mínimos
- c) De 4 a 10 salários mínimos
- d) De 10 a 20 salários mínimos
- e) Acima de 20 salários mínimos

12) Tipo de deficiência (você pode marcar mais de uma opção, se for o caso):

- a) Deficiência Física (paralisia, amputação, mobilidade reduzida, outra)
- b) Deficiência Sensorial Auditiva (surdez, outra)
- c) Deficiência Sensorial Visual (cegueira, baixa visão, visão monocular, outra)

13) Impacto da deficiência na sua independência da vida diária. Na tabela abaixo serão apresentadas algumas atividades e você deve marcar a opção numérica que mais se encaixa para você de acordo com a legenda:

0 - Nenhuma dificuldade: você não tem nenhum problema em realizar a tarefa em questão.

1 - Dificuldade leve: raramente você tem algum problema em realizar a tarefa em questão, o que não interfere na sua vida diária.

2 - Dificuldade moderada: ocasionalmente você tem algum problema em realizar a tarefa em questão, mas com uma intensidade que interfere na sua vida diária.

3 - Dificuldade grave: frequentemente você tem algum problema em realizar a tarefa em questão, com uma intensidade que prejudica parcialmente a sua vida diária.

4 - Dificuldade completa: diariamente você tem algum problema em realizar a tarefa em questão, com intensidade que prejudica totalmente a sua vida diária (informações adaptadas da Classificação Internacional de Funcionalidade - CIF da Organização Mundial da Saúde - OMS, 2003).

Atividade	0	1	2	3	4
Carregar objetos					
Uso fino das mãos (pegar, segurar)					
Deslocar-se usando algum tipo de equipamento					
Utilização de transporte (carro, ônibus, trem)					
Cuidados de higiene (lavar as mãos, tomar banho)					
Cuidados com partes do corpo (escovar os dentes, pentear o cabelo)					
Cuidados com saúde (tomar medicação, medir temperatura)					
Vestir-se					
Beber					
Comer					
Preparação de refeições					
Tarefas domésticas (lavar louça, varrer)					
Aquisição de bens e serviços (fazer compras)					
Interações interpessoais					
Estudar ou trabalhar					
Manuseio de equipamentos tecnológicos (celular, computador)					
Lazer					
Transações econômicas (manuseio com dinheiro, cartão)					

14) Filhos:

- a) Não
- b) Sim. Quantos? _____

15) Orientação sexual: (marque apenas uma opção)

- a) Heterossexual
- b) Homossexual
- c) Bissexual
- d) Assexual
- e) Outro:

16) Estado civil:

- a) Solteiro(a) - tem um(a) namorado(a) sem vínculo legal
- b) União estável
- c) Casado(a)
- d) Divorciado(a)
- e) Viúvo(a)

17) Duração do relacionamento amoroso atual:

- a) De 6 meses a 2 anos
- b) De 2 a 5 anos
- c) De 5 a 10 anos
- d) Mais de 10 anos

18) Vida sexual ativa:

- a) Sim
- b) Não

19) Quando iniciou a vida sexual? ____ anos


- a)

20) Parceiro(a) de relacionamento amoroso atual:

- a) Com deficiência
- b) Sem deficiência

21) Se o seu parceiro(a) tem deficiência, marque o tipo de deficiência dele(a)

- a) Deficiência Física (paralisia, amputação, mobilidade reduzida, outra)
- b) Deficiência Sensorial Auditiva (surdez, outra)
- c) Deficiência Sensorial Visual (cegueira, baixa visão, visão monocular, outra)



VOCÊ É UMA PESSOA COM DEFICIÊNCIA FÍSICA OU SENSORIAL?

**Queremos conhecer tuas vivências
amorosas!**

Aponte para o **QR Code** abaixo e participe da pesquisa
(voluntária e anônima) de Mestrado da Psicóloga Marina
Barth, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia e Saúde
da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre



<https://pt.surveymonkey.com/r/pcdneeds>

Maiores informações: (51) 99607-6225 ou
barthcmarina@gmail.com



APÊNDICE C - Convite *Online* - Para participação na pesquisa



Há algo de diferente nesse amor?

Se você possui alguma deficiência física, auditiva e/ou visual, tem pelo menos 18 anos e está em algum tipo de relacionamento amoroso há pelo menos seis meses, queremos conhecer as tuas experiências!

Participe da pesquisa de mestrado da psicóloga Marina Camargo Barth, que está sendo desenvolvida no Programa de Pos-Graduação em Psicologia e Saúde da UFCSPA para conhecer as relações amorosas de pessoas com deficiência.

Para colaborar conosco, acesse o link do formulário de pesquisa:
XXXXXXXXXXXXXXXXXX

A sua participação é voluntária, anônima e contribuirá para o desenvolvimento de conhecimento científico sobre esse tema.

Para dúvidas e informações, entre em contato pelo telefone (51) 99607-6225, email needs@ufcspa.edu.br ou nosso perfil no Instagram [@needs.ufcspa](https://www.instagram.com/needs.ufcspa)

APÊNDICE D - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

(Coleta *online*)



Prezado(a),

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “*Há algo de diferente nesse amor? Percepções de pessoas com deficiência sobre suas relações amorosas*”, que está sendo desenvolvida junto ao Núcleo de Estudos em Desenvolvimento e Saúde (NEEDS) pela psicóloga e mestrande Marina Camargo Barth, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Daniela Centenaro Levandowski. Esse estudo é realizado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia e Saúde, da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA) e busca investigar o amor e a satisfação conjugal entre pessoas com deficiência física e/ou sensorial. Para alcançar este objetivo, convidamos pessoas com deficiência física e/ou sensorial com mais de 18 anos e que estejam em um relacionamento amoroso por pelo menos seis (6) meses para participar.

A sua participação envolve fornecer alguns dados pessoais para podermos caracterizar os participantes e responder algumas perguntas que investigam os elementos do amor nos relacionamentos amorosos e avaliam a sua satisfação com o seu relacionamento amoroso. A sua colaboração deve durar em torno de 20 minutos e acontecerá de forma *online*, através do preenchimento de um formulário na plataforma *SurveyMonkey*. Você poderá acessar o formulário na data e horário que forem mais adequados para você e esclarecer dúvidas a qualquer momento durante a sua participação através dos contatos que constam a seguir.

Você não terá nenhum tipo de custo com essa participação e também nenhuma vantagem econômica. Com a sua participação, você contribuirá para conhecermos melhor a realidade amorosa de pessoas com deficiência e, com isso, para trabalharmos de modo a reduzir estigmas e mitos em relação a isso. Além disso, sua contribuição também poderá auxiliar para um olhar mais atento por parte das autoridades públicas para temáticas voltadas à saúde física e mental das pessoas com deficiência.

Para você, o benefício direto de participar desse estudo pode ser o de ter um momento de refletir sobre sua relação amorosa, além de receber um material informativo sobre o tema após a sua participação. De todo modo, essa participação poderá acarretar um nível de risco mínimo para você. Caso você se sinta desconfortável em expor, através das suas respostas, um assunto íntimo e pessoal,

você poderá interromper a sua participação a qualquer momento, sem qualquer tipo de prejuízo.

Destacamos que os seus dados pessoais serão mantidos em sigilo e que o seu nome não será divulgado em qualquer trabalho que for gerado a partir do presente estudo. Os dados obtidos serão utilizados somente para este estudo e serão armazenados pela coordenadora da pesquisa durante cinco anos e, após, totalmente destruídos (conforme preconiza a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde).

Embora a pesquisa seja realizada de forma *online*, o que pode implicar riscos em relação à segurança das informações, a equipe está usando essa plataforma digital, que tem se mostrado segura para estudos dessa natureza. Também se compromete a tomar os cuidados necessários em relação ao sigilo e à privacidade dos seus dados.

De posse desses esclarecimentos, declaro que fui informado(a):

- Da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento acerca dos assuntos relacionados a esta pesquisa a partir do envio de mensagem para os contatos informados a seguir;
- De que a participação no estudo será voluntária, sem nenhum tipo de bonificação/pagamento, e poderá ser interrompida a qualquer momento por mim, sem prejuízo;
- Da garantia que não serei identificado(a) quando da divulgação dos resultados e que as informações serão utilizadas somente para fins científicos do presente projeto de pesquisa;
- Sobre o projeto de pesquisa e a forma como será conduzido e que, em caso de dúvida ou novas perguntas, poderei entrar em contato com a pesquisadora responsável, Profa. Dra. Daniela Centenaro Levandowski, pelo e-mail danielal@ufcspa.edu.br, ou com a mestranda Marina Camargo Barth, pelo telefone (51) 9.9607-6225 ou pelo e-mail barthcmarina@gmail.com
- Também que, se houverem dúvidas quanto a questões éticas, poderei entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFCSPA, pelo telefone (51) 3303-8804, ou no endereço Rua Sarmiento Leite, nº 245, Centro, Porto Alegre/RS, CEP 90050-170, das 8h às 12h e das 14h às 17h.

Desse modo, declaro que compreendi o objetivo e a importância desta pesquisa de forma clara e estou de acordo com o estabelecido neste Termo.

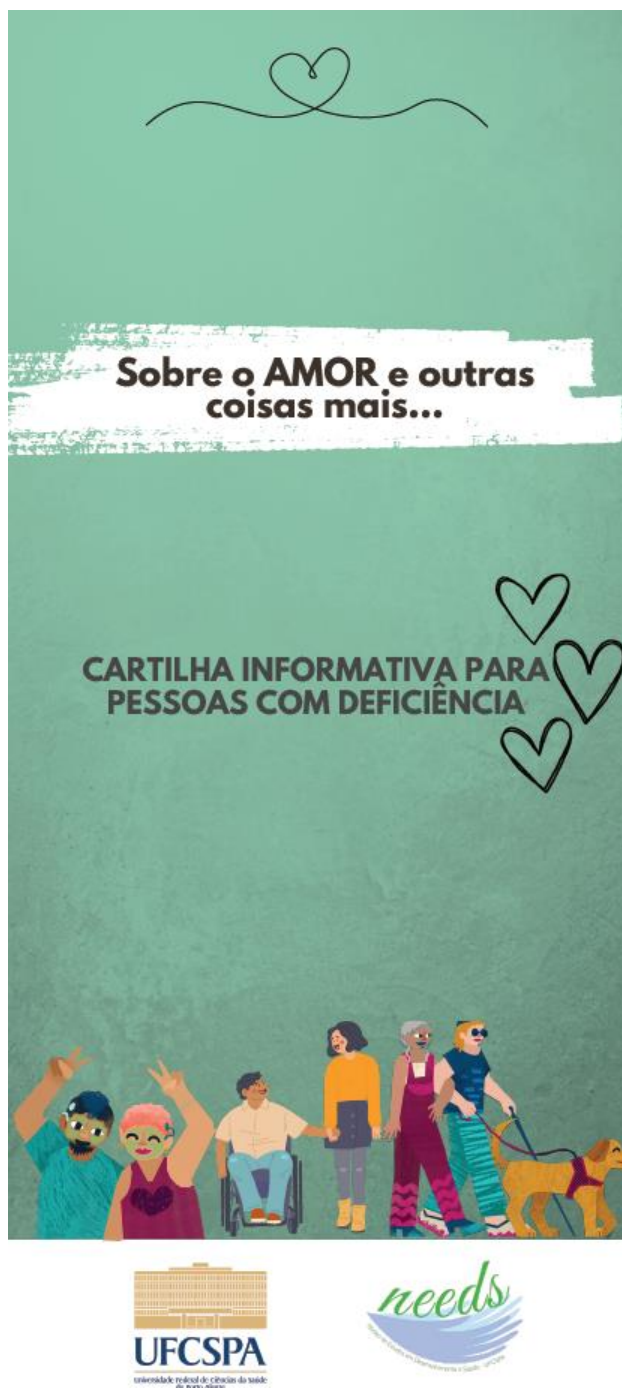
() SIM, aceito participar da pesquisa.

() NÃO aceito participar da pesquisa.

APÊNDICE E - Cartilha informativa enviada aos participantes

[Cartilha Informativa sobre o amor.pdf.pdf](#)

(clique no texto acima para acessar o material completo)



(Capa da cartilha informativa)

ANEXOS

Anexo A - Escala Triangular do Amor de Sternberg

(Versão Brasileira por Cassepp-Borges & Teodoro, 2007)

Os espaços em branco representam a pessoa com quem você tem um relacionamento. Esta pessoa deverá ser a mesma que você citou no questionário anterior. Preencha a escala de 1 a 9 a seguir, na qual **1 representa “de jeito nenhum”**, **5 representa “moderadamente”** e **9 representa “extremamente”**. Utilize os pontos intermediários da escala para indicar níveis intermediários de sentimentos. Marque um X no número correspondente.

Itens	Escala								
	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1. Não posso imaginar minha vida sem _____.	1	2	3	4	5	6	7	8	9
2. Estou certo do meu amor por _____.	1	2	3	4	5	6	7	8	9
3. Eu sinto que realmente posso confiar em _____.	1	2	3	4	5	6	7	8	9
4. Eu valorizo muito _____ na minha vida.	1	2	3	4	5	6	7	8	9
5. Prefiro estar com _____ do que com qualquer outra pessoa.	1	2	3	4	5	6	7	8	9
6. Eu divido intensamente meus assuntos pessoais com _____.	1	2	3	4	5	6	7	8	9
7. Tenho confiança na estabilidade do meu relacionamento com _____.	1	2	3	4	5	6	7	8	9
8. Minha relação com _____ é apaixonada.	1	2	3	4	5	6	7	8	9

9. Eu adoro _____.	1	2	3	4	5	6	7	8	9
10. Eu ativamente promovo o bem estar de _____.	1	2	3	4	5	6	7	8	9
11. Eu sinto que _____ realmente me entende.	1	2	3	4	5	6	7	8	9
12. Só de olhar para _____ já fico entusiasmado.	1	2	3	4	5	6	7	8	9
13. Eu acho que _____ é pessoalmente muito atraente.	1	2	3	4	5	6	7	8	9
14. Eu recebo muito apoio emocional de _____.	1	2	3	4	5	6	7	8	9
15. Eu tenho fantasias com _____.	1	2	3	4	5	6	7	8	9
16. Não existe nada mais importante para mim do que o relacionamento com _____.	1	2	3	4	5	6	7	8	9
17. Eu me comunico bem com _____.	1	2	3	4	5	6	7	8	9
18. Eu não posso imaginar que outra pessoa me faça tão feliz quanto _____ me faz.	1	2	3	4	5	6	7	8	9
19. Tenho um compromisso com _____, portanto não permitirei que outras pessoas se ponham entre nós.	1	2	3	4	5	6	7	8	9
20. Meu relacionamento com _____ é muito romântico.	1	2	3	4	5	6	7	8	9
21. Tenho uma relação afetuosa	1	2	3	4	5	6	7	8	9

com _____.									
22. Espero que meu amor por _____ dure pelo resto da vida.	1	2	3	4	5	6	7	8	9
23. Não consigo imaginar o fim do meu relacionamento com _____.	1	2	3	4	5	6	7	8	9
24. _____ pode contar comigo quando tiver necessidade.	1	2	3	4	5	6	7	8	9
25. Quando eu assisto filmes românticos ou leio livros românticos, eu penso em _____.	1	2	3	4	5	6	7	8	9
26. Eu planejo continuar minha relação com _____.	1	2	3	4	5	6	7	8	9
27. Eu gosto muito do contato físico com _____.	1	2	3	4	5	6	7	8	9
28. Vejo como boa a decisão de me relacionar com _____.	1	2	3	4	5	6	7	8	9
29. Eu estou disposto a dividir meus pertences e a mim mesmo(a) com _____.	1	2	3	4	5	6	7	8	9
30. Me pego pensando em _____ várias vezes durante o dia.	1	2	3	4	5	6	7	8	9
31. Estou determinado a manter minha relação com _____.	1	2	3	4	5	6	7	8	9
32. Não deixaria nada atrapalhar	1	2	3	4	5	6	7	8	9

meu compromisso com _____.									
33. Eu tenho um senso de responsabilidade por _____.	1	2	3	4	5	6	7	8	9
34. Tenho uma relação agradável com _____.	1	2	3	4	5	6	7	8	9
35. Eu sei que me importo com _____.	1	2	3	4	5	6	7	8	9
36. Eu sinto que eu realmente entendo _____.	1	2	3	4	5	6	7	8	9
37. Mesmo quando é difícil lidar com _____, mantenho-me comprometido(a) com a nossa relação.	1	2	3	4	5	6	7	8	9
38. Existe alguma coisa quase “mágica” no meu relacionamento com _____.	1	2	3	4	5	6	7	8	9
39. Eu dou muito apoio emocional a _____.	1	2	3	4	5	6	7	8	9
40. Eu idealizo _____.	1	2	3	4	5	6	7	8	9
41. Eu posso contar com _____ quando tiver necessidade.	1	2	3	4	5	6	7	8	9
42. Eu sempre vou sentir-me fortemente responsável por _____.	1	2	3	4	5	6	7	8	9
43. Eu vejo meu compromisso com _____ como sólido.	1	2	3	4	5	6	7	8	9
44. Eu me sinto próximo de _____.	1	2	3	4	5	6	7	8	9

_____.									
45. Eu vejo meu relacionamento com _____ como permanente.	1	2	3	4	5	6	7	8	9

**Anexo B - Escala do Nível de Satisfação com o Relacionamento Amoroso
(versão reduzida) - ENSRAR**

(Versão brasileira por Londero-Santos, Natividade & Féres-Carneiro, 2021)

Abaixo você encontrará uma série de afirmações sobre relacionamentos amorosos. Por favor, leia cada uma delas e responda de acordo com a sua opinião. Pensando no (a) seu (sua) parceiro (a), indique, utilizando a escala abaixo, o quanto você concorda com cada uma das afirmações abaixo.

	Discordo Completament e 1	Concordo Levement e 2	Concordo Moderadament e 3	Concordo Completament e 4
Meu/minha parceiro(a) satisfaz minhas necessidades de intimidade (compartilhando seus pensamentos, seus segredos, etc.).	1	2	3	4
Meu/minha parceiro(a) satisfaz minhas necessidades de companheirismo (fazendo coisas juntos, apreciando a companhia um do outro, etc.).	1	2	3	4

Meu/minha parceiro(a) satisfaz minhas necessidades sexuais (fazendo carinhos, beijando um ao outro, etc.).	1	2	3	4
Meu/minha parceiro(a) satisfaz minhas necessidades de segurança (sentindo confiança nele(a), sentindo confortável com a estabilidade do relacionamento, etc.).	1	2	3	4
Meu/minha parceiro(a) satisfaz minhas necessidades de envolvimento emocional (sentido emocionalment e envolvido, sentindo-se bem quando o	1	2	3	4

outro está bem, etc.).				
---------------------------	--	--	--	--

Ainda referente ao seu relacionamento atual, indique, utilizando a escala abaixo, o quanto você concorda com cada uma das afirmações abaixo.

	Discordo Completamente 0	1	2	3	Concordo em parte 4	5	6	7	Concordo Completamente 8
Eu me sinto satisfeito(a) com o nosso relacionamento	0	1	2	3	4	5	6	7	8
Meu relacionamento está perto do ideal	0	1	2	3	4	5	6	7	8
Nosso relacionamento me faz feliz	0	1	2	3	4	5	6	7	8
Nosso relacionamento é perfeito	0	1	2	3	4	5	6	7	8
Não mudaria nada em nosso relacionamento	0	1	2	3	4	5	6	7	8

ANEXO C - Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa - UFCSPA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
CIÊNCIAS DA SAÚDE DE
PORTO ALEGRE



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: Há algo de diferente nesse amor? Percepções de pessoas com deficiência sobre suas relações amorosas

Pesquisador: DANIELA CENTENARO LEVANDOWSKI

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 63322622.3.0000.5345

Instituição Proponente: Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.054.476

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas neste campo foram retiradas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2120765_E1, DE 12/04/2023).

Deficiência e amor são conceitos complexos, entendidos a partir de perspectivas distintas, em constante transformação. O modo como uma sociedade encara a deficiência impacta em como as pessoas com deficiência (PCD) serão tratadas e reflete diretamente nas interações sociais, incluindo as interações amorosas. No campo da deficiência, nota-se uma escassez de estudos sobre o amor, embora exista um número crescente de investigações sobre sexualidade das PCD, que demonstram ser esse um aspecto muito importante na vida delas, mas ainda envolto em preconceito e estigma. Assim, ainda hoje as PCD são consideradas incapazes de estabelecer relações amorosas e exercer a sua sexualidade. Além da carência de estudos sobre o tema das relações amorosas, existe uma lacuna de pesquisas que contemplem, ao mesmo tempo, percepções de pessoas com diferentes tipos de deficiência sobre essas relações. Esse aspecto deve ser investigado, a fim de entender possíveis peculiaridades nessas experiências amorosas, ampliando a compreensão desse campo plural, uma vez que se entende que PCD possuem múltiplas vivências, a depender também do tipo da sua deficiência. O presente trabalho tem como foco investigar quantitativamente os componentes do amor e a satisfação conjugal, bem como identificar possíveis diferenças nestas variáveis conforme o tipo de deficiência (física e/ou sensorial). Para tanto, será

Endereço: Rua Sarmento Leite, 245, prédio 03, sala 605
Bairro: Sarmento **CEP:** 90.050-170
UF: RS **Município:** PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3303-8804 **E-mail:** cep@ufcspa.edu.br

Continuação do Parecer: 6.054.476

realizado um estudo transversal e descritivo, com a aplicação online, através da plataforma SurveyMonkey, de um questionário de dados sociodemográficos (caracterização da amostra), da versão brasileira da Escala Triangular do Amor de Sternberg (ETAS), para investigação os elementos básicos do amor conforme esta teoria (comprometimento/decisão, intimidade e paixão) e da versão brasileira da Escala do Nível de Satisfação com o Relacionamento Amoroso (versão revisada) (ENSRA-R) para avaliação da satisfação com o relacionamento amoroso. Participarão do estudo 151 pessoas de 18 anos ou mais de idade que declararem possuir alguma deficiência física e/ou sensorial, e que considerarem ter um relacionamento amoroso há pelo menos seis meses quando do início da coleta. Após a aprovação do estudo pelo Comitê de Ética da UFCSPA, será iniciada a divulgação online e os interessados poderão acessar o link disponibilizado no material de divulgação acessarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e, em caso de aceite, um formulário online, através da plataforma SurveyMonkey, que apresentará os instrumentos do estudo. Estima-se o tempo de 20 minutos para a participação no estudo. Esses dados serão digitalizados duplamente em planilha no software Excel e analisados posteriormente a partir de estatística descritiva e correlacional, com o software R, a fim de caracterizar a amostra e verificar associações entre dados sociodemográficos, elementos do amor e satisfação com a relação amorosa, bem como comparações entre grupos conforme o tipo de deficiência (sensorial ou física). Na condução de todas as etapas da pesquisa serão seguidas as diretrizes éticas vigentes para pesquisas com seres humanos e pesquisas em ambiente virtual. Ao final do preenchimento dos instrumentos, os participantes receberão um feedback sobre as suas pontuações nas escalas, além de um material informativo com dicas sobre relacionamentos amorosos saudáveis, comunicação não violenta e temas afins, como retribuição pela sua participação.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Investigar os componentes do amor a partir da Teoria Triangular do Amor e a satisfação com o relacionamento amoroso de PCD física e/ou sensorial.

Objetivo Secundário:

Descrever a amostra em termos sócio-demográficos e da deficiência. Analisar como se apresentam os componentes do amor (compromisso/decisão, intimidade e paixão) nos relacionamentos amorosos de PCD física e/ou sensorial. Avaliar a satisfação de PCD física e/ou sensorial com o seu relacionamento amoroso. Averiguar se há diferenças em relação aos elementos do amor e à satisfação com o relacionamento amoroso entre pessoas com diferentes tipos de deficiência (física)

Endereço: Rua Sarmento Leite, 245, prédio 03, sala 605
Bairro: Sarmento **CEP:** 90.050-170
UF: RS **Município:** PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3303-8804 **E-mail:** cep@ufcspa.edu.br

Página 02 de 05

Continuação do Parecer: 6.054.476

e/ou sensorial) e conforme diferentes características sócio-demográficas (idade, tempo de relacionamento, escolaridade, ocupação, estado civil, parceiro (a) com ou sem deficiência, e orientação sexual).

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

A participação poderá acarretar um nível de risco mínimo, caso algum participante se sinta desconfortável em expor, através das suas respostas, um assunto íntimo e pessoal, poderá interromper a sua participação a qualquer momento, sem qualquer tipo de prejuízo. Além disso, apesar de a pesquisa ser realizada de forma online, o que pode implicar riscos em relação à segurança das informações, a equipe está usando uma plataforma digital (SurveyMonkey), que tem se mostrado segura para estudos dessa natureza.

Benefícios:

Os participantes terão um momento para refletir sobre sua relação amorosa, além de receber um material informativo sobre o tema após a sua participação.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Conforme Informações Básicas do projeto na PB, trata-se de estudo transversal quantitativo e descritivo em que será feito um levantamento e descrição da realidade, para o mapeamento dos componentes do amor e da satisfação com o relacionamento amoroso a partir da aplicação de instrumentos quantitativos. Caráter acadêmico, realizado para obtenção de título de Mestre em Psicologia e Saúde. Número 154 de participantes. Esta emenda solicita ampliação das formas de divulgação da pesquisa incluindo a imprensa, por meio de convite de

participação impresso, além da extensão do prazo para execução do projeto, visto que até o presente momento, apenas 42 participantes responderam ao questionário. Previsão de início de coleta de dados, janeiro de 2023 e encerramento do estudo, dezembro de 2023.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos obrigatórios apresentados de forma adequada.

Recomendações:

De acordo, sem recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A pesquisa encontra-se de acordo com a Norma vigente para pesquisa em seres humanos.

Ressalta-se que cabe ao pesquisador responsável encaminhar o(s) relatório(s) - parciais e final - da pesquisa, por meio da Plataforma Brasil, via notificação do tipo "relatório" para que sejam

Endereço: Rua Sarmento Leite, 245, prédio 03, sala 605
Bairro: Sarmento **CEP:** 90.050-170
UF: RS **Município:** PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3303-8804 **E-mail:** cep@ufcspa.edu.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
CIÊNCIAS DA SAÚDE DE
PORTO ALEGRE



Continuação do Parecer: 6.054.476

devidamente apreciadas no CEP, conforme Norma Operacional CNS nº 001/12, item XI.2.d.

Considerações Finais a critério do CEP:

De acordo com o parecer do Relator.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_2120765_E1.pdf	12/04/2023 10:25:52		Aceito
Outros	emenda.pdf	10/04/2023 22:26:36	MARINA CAMARGO BARTH	Aceito
Outros	conviteimpresso.pdf	10/04/2023 22:26:08	MARINA CAMARGO BARTH	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projetoatualizado.docx	10/04/2023 22:24:46	MARINA CAMARGO BARTH	Aceito
Cronograma	cronogramaatualizado.pdf	10/04/2023 22:23:58	MARINA CAMARGO BARTH	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	14/09/2022 08:45:09	MARINA CAMARGO BARTH	Aceito
Outros	Termo_compromisso_relatorio.pdf	14/09/2022 08:43:33	MARINA CAMARGO BARTH	Aceito
Cronograma	Cronograma.docx	14/09/2022 08:39:06	MARINA CAMARGO BARTH	Aceito
Outros	Cartaz_pesquisa.docx	14/09/2022 08:28:33	MARINA CAMARGO BARTH	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Marina_Camargo_Barth.docx	14/09/2022 08:26:55	MARINA CAMARGO BARTH	Aceito
Folha de Rosto	Folha_rosto_Daniela_Levandowski.pdf	13/09/2022 07:59:54	DANIELA CENTENARO LEVANDOWSKI	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Rua Sarmento Leite, 245, prédio 03, sala 605
Bairro: Sarmento **CEP:** 90.050-170
UF: RS **Município:** PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3303-8804 **E-mail:** cep@ufcspa.edu.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
CIÊNCIAS DA SAÚDE DE
PORTO ALEGRE



Continuação do Parecer: 6.054.476

PORTO ALEGRE, 11 de Maio de 2023

Assinado por:
Fernanda Bordignon Nunes
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Sarmiento Leite, 245, prédio 03, sala 605
Bairro: Sarmiento **CEP:** 90.050-170
UF: RS **Município:** PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3303-8804 **E-mail:** cep@ufcspa.edu.br

Página 05 de 05